VOZES DO AMANHÃ

ORG. JOSÉ CARLOS FERRAZ

ANTOLOGIA





Copyright©2021 by José Carlos Ferraz

Diagramação: Enoque Ferreira Cardozo
(Trupe serviços editoriais Freelancer - trupeservicoseditoriais.blogspot.com.br)

Org. José Carlos Ferraz
Antologia / VOZES DO AMANHÃ – 1ª ed. – Rio Verde/GO. EDIÇÃO DO AUTOR, 2021.
138 p.: il.

ISBN: 978-65-86627-86-2

1. Crônicas. 2. Contos. 3. Poesias. 4. Soneto. I. FERRAZ, José Carlos. LIVRO BRASILEIRO. I Título

FORMATO: A5 14x21

Impresso pela RENOVAGRAF (www.renovagraf.com.br) – 2021.

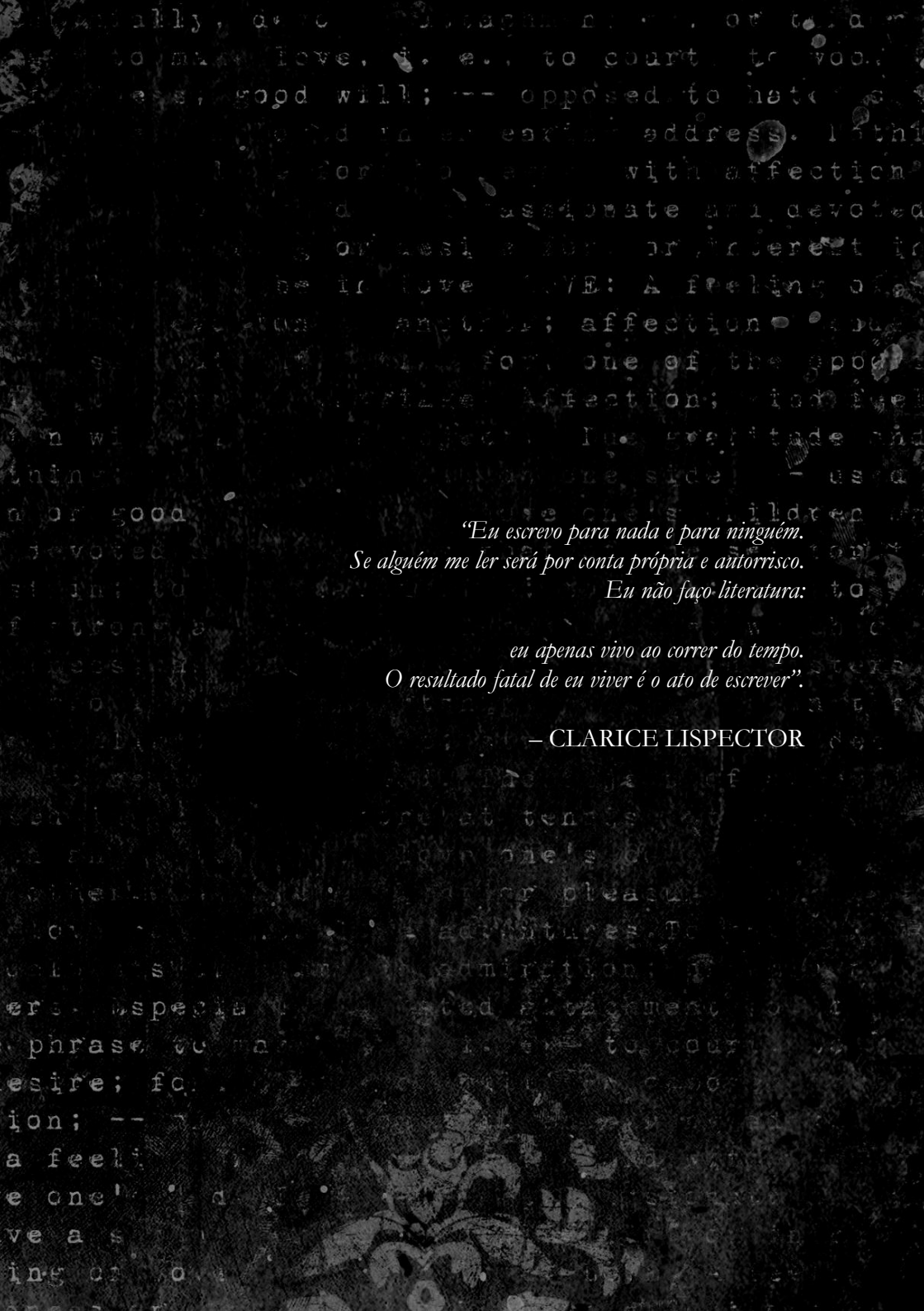
Copyright "©" 2021. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.
Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

2021. Escrito e produzido no Brasil.

"Eu escrevo para nada e para ninguém.
Se alguém me ler será por conta própria e autorrisco.
Eu não faço literatura:

eu apenas vivo ao correr do tempo.
O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever".

– CLARICE LISPECTOR





SUMÁRIO GERAL

POESIAS **009**
CÍCERO DE MOURA LIMA/GABRIELLA GOMES DE OLIVEIRA 011
MAYCON ALVES 013
EDUARDO MACIEL 017
NEIDE AMORIM 021
S. CARLSON 027

CONTOS/CRÔNICAS **031**
PEDRO TAVARES 033
MIKAELA ROBERTO 047
ISABELLA FREITAS 050
ANGELA DONDONI 057
LMC OLIVEIRA 060
DEBORA PAGE 067
MARILENE MORAES 073
HILTON NOGUEIRA 083
JOÃO PEDRO 087
KELLY CASTRO 093
GISELE ALVARES 097
JACQUELINE CORIOLANO 108
A. NOGUEIRA SILVA 113
DUDA MATTOS 123
JÚLIA LUZ 136



POESIAS

CÍCERO DE MOURA LIMA / 011
GABRIELLA GOMES DE OLIVEIRA **/ 011**
ANÁFORA 012

MAYCON ALVES / 013
LEVANTA E ANDA 014
SINTONIZADO 015
MENINA SEREIA 016

EDUARDO MACIEL / 017
SONETO DE RIMA TRAVADA 018
SONETO PETRARQUIANO 019
SONETO FRANCÊS 020

NEIDE AMORIM / 021
PALCO DA VIDA 022
A CHUVA 024
GIRASSÓIS 026

S. CARLSON / 027
DORME PEITO 028
ATRAVÉS DO ESPELHO 029



CÍCERO DE MOURA LIMA

É índio Kariú Kariri de pseudónimo Eliahel Lobo Guará, nasceu em 19 de dezembro de 1990 em Alto Santo - Ceará, atualmente é graduando em Licenciatura em Matemática na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM instituição de Ensino Superior vinculada a Universidade Estadual do Ceará - UECE, é um dos Membros Fundadores, ator e apresentador de conteúdos do Movimento de Interação Poética - MIP, é um dos Membros Fundadores e apresentador de conteúdos da Equipe AlémdoX e Administrador da página Poesias Naturais no Instagram.

GABRIELLA GOMES DE OLIVEIRA

Tem 21 anos, é Escritora, Filósofa, Estilista, Atriz e Pintora de pseudônimo Gabriella Akemy nascida em Mossoró/RN com traços indígenas da tribo Monxorós Kariri graduanda na Licenciatura de Filosofia na Instituição UNOPAR, concluiu o Ensino Médio em 2018 na Escola Abel Coelho, cursou Artes Visuais em Escola de Artes entre 2016 e 2017 e vem participando de Exposições Literárias desde o Ensino Médio onde se pronunciou como Poetisa representando a Escola Lauro Rebouças e durante a Semana Literária em Escola Abel Coelho atuou como Bruxa da história "Branca de neve" em "Deu a louca nos contos de fada" e Discursou uma Poesia Autoral na exposição "Poesia marginal" onde fez papel de "Mulher da vida", é Editora do grupo de Artistas na página Serendiptia Poética, Escritora e Produtora de vídeos produzidos e publicados em AlémdoX e Poesias Naturais. Atualmente, desenvolve pesquisas para publicação futura do livro "O inevitável Vazio" abrangendo autorrepresentação como estratégia de problematização do mundo contra o Sexo Feminino e situações críticas que devem ser questionadas humanamente através do olhar do mundo contemporâneo.

ANÁFORA..... 012

– ANÁFORA –

Olhar rancoroso, alma exuberante
E quanto mais adiante, talvez menos tedioso.
Segui meu caminho... nunca fui de olhar para trás,
Pois sempre que olho, percebo que estou no início dessa trilha.

Estou brigada com a vida ou será que não entendi o lado dela?
E quanto mais perguntas, talvez menos respostas.

Prossigo inquieta e caótica sem as soluções das equações que formulei.
Me questiono: para onde irei?
E quanto mais caminho, talvez menos estrada.

Seria ousadia desejar conhecer os mistérios do universo ou seria o inverso?
E quanto mais desejo saber talvez menos faleço sem querer.

Não existe dia ou noite pra quem nunca saiu do subsolo.
E quanto mais me aprofundo, talvez menos me isolo.

E quanto mais mistérios a desvendar talvez menos segredos a me atormentar.

MAYCON ALVES

Maycon Coelho Alves Nascimento capixaba de Serra-ES, atualmente reside em Jacaraípe, Serra-ES, formado em técnico em eletrotécnica, trabalha como Eletricista montador na construção de empresas e industrias, descobriu na escrita uma forma de se expressar e transmitir os seus sentimentos, através de um trabalho escolar, foi inserido no mundo literário ao conhecer o poeta capixaba Geraldo Fernandes, deslumbrado como o fazia de forma tão natural, assim despertou o desejo de transmitir as pessoas os seus pensamentos.

LEVANTA E ANDA 014
SINTONIZADO 015
MENINA SEREIA 016

– LEVANTA E ANDA –

A vida é como uma previsão do tempo,
Porém que não podemos prever.
Se vai fazer sol a qualquer momento,
Ou se vai chover.

Todos nós vivemos dias tristes e dias felizes,
Todos nós estamos em busca da felicidade,
Todos nós erramos e damos alguns deslizes,
Mas a felicidade está em valorizar coisas de maior simplicidade.

Não tem a ver com o que queremos e achamos,
Sim com o que fazemos e buscamos.
Você pode cair e escolher levantar,
Ou simplesmente decidir ali mesmo ficar.

A dificuldade mostra as nossas fraquezas,
Mas saber superá-las só valoriza nossas conquistas e riquezas.
O dinheiro tem sim muito valor,
Mas jamais comprará um sorriso e um verdadeiro amor.

– SINTONIZADO –

Sintonia,
É está conectado com o outro na mesma magia e harmonia.
É sentir esse forte e intenso sentimento,
Independente do momento.

É estranho e bom a forma como estamos conectados,
Isso sem ao menos ter sentido seu cheiro e estado ao seu lado.

Você chegou com um jeito diferente,
Mas com uma atenção e carinho envolvente.
Claro não pensei que ia ser assim no início.
Mas falar com você já virou um vício.

Você é do tipo que chamamos de "mulherão".
Não aquela só de corpão, mas sim de coração.
Com você me sinto confortável pra falar de tudo,
Enquanto com outras pessoas pareço mudo.
Espero nessa vida, só vê-la crescer,
Pois pra isso você faz por merecer.
Eu quero aqui frisar que amei te conhecer,
Espero que essa sintonia não venhamos perder.

– MENINA SEREIA –

Em um dia lindo e ensolarado,
Fico feliz por te ter aqui do meu lado.
Com um brilho no olhar,
Ela é a sereia do meu mar.

Com um jeito de menina que me encanta,
Quando estou contigo todos os males espantam.
É inevitável te amar,
Tenho a certeza de que ao seu lado é o meu lugar.

Com ela no pensamento faço até poesia,
Com um sorriso no rosto ela melhora meu dia.
Com muito carinho te escrevo esses versos reais,
Que nosso amor seja meta para outros casais.

EDUARDO MACIEL

Eduardo Maciel é gestor cultural e um artista plural. Cantor, compositor, artista circense com malabares de fita, fotógrafo, diretor de fotografia, fiscal de set de filmagem audiovisual (locações externas), escritor contista e poeta sonetista com um projeto de lançamento de sete livros promovendo o resgate cultural das 20 diversas formas de soneto já catalogadas. O resgate cultural desse tipo poético será feito através da interlocução entre sonetos e outras formas de arte. Autor do livro "SonetATO", "SonetIMAGEM" e "SonetILUSTRA" (livro que foi vencedor do Prêmio Troféu Literatura 2020 como melhor livro de poesia do Brasil e o Prêmio FeLiNa - Festival do Livro Nacional - como melhor livro do ano de 2020), os três primeiros da série. Curador e fotógrafo da exposição de fotografias "EXPO SonetIMAGEM" e da exposição virtual de artes visuais "SonetILUSTRA – Transmutação". Participante das antologias de contos "O Lado Sombrio do Sítio", "A Era dos Mitos", "Noturno" e "Reflorescer". Diretor Jurídico e Jurado na comissão julgadora da LIGA C&ARTE de Carnaval virtual. Intérprete de samba-enredo da GRESV Pau no Burro. Participante do Catálogo de Escritores em Língua Portuguesa no Salão do Livro de Portugal 2021 e contista integrante da Antologia bilíngue de escritores brasileiros a ser lançada em New York em 2021. Integrante da ALAL (Academia de Letras da América Latina) e da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira, registro 0239). Também colunista da revista Kuruma'tá. Além disso, Eduardo Maciel é roteirista de teatro.

SONETO DE RIMA TRAVADA..... 018
SONETO PETRARQUIANO..... 019
SONETO FRANCÊS..... 020

– SONETO DE RIMA TRAVADA[1] –

Sobre errar
Eis que hoje me encontro bastante mal
Porque fui magoar a quem só me faz bem
Sei que em todos habita um animal
Mas dele não podemos jamais ser refém

Porque me esforço muito pra acertar
Porque invisto muito tempo tentando
Porque já compreendi o que é preservar
Porque não suporto me saber errando

Todavia há que se saber discernir:
Tudo que o mal causado quer refletir
Não me impedirá de te fazer sorrir
Fica então uma lição e uma dor:
Se dói é para conhecermos o sabor
E se ensina é pra manter o amor.

[1] Estrutura padrão de soneto clássico e alexandrino. Na rima, independência nos quartetos e travas nos tercetos, apesar de não correlacionarem ABAB/CDCD/EEE/FFF.

– SONETO PETRARQUIANO[2] –

Interruptor
Deixe-me brilhar e me acender
E quando chegar, me fazer notar
Antes de, à mesa, eu me sentar
Deixe-me brilhar e me acender

Deixe-me emanar a luz de ser
Pois se eu nasci foi para brilhar
Para o meu redor, iluminar
Deixe-me emanar a luz de ser

Porque quando se apagar a luz
Algum legado terei deixado
Rabo de cometa que me conduz!

Mas não me sentirei apagado
Já que é a razão quem me induz
Que bom é ser dentro clareado.

[2] Tipo mais comum entre os sonetos italianos. Versos decassílabos e estrutura ABBA/ABBA/CDC/DCD.

– SONETO FRANCÊS[3] –

Maternulidade
É certo que o inferno te aguarda
Pois não há nenhum anjo que te resguarda
Esperando ter tudo, mas sendo nada
Será justiça que falha, mas não tarda

Privar a tua filha do seu padrinho
Tirar dela pétalas e dar espinho
Criar vácuo onde só há carinho
Negligenciando teu próprio ninho

Todos conhecem o teu jeito de fingir
E a tua argumentação cafona
Bem onde você faz o Diabo sorrir
Que fique o que a vida leciona
Pois enquanto o Universo existir
Da vida da Docinho você nunca será dona.

[3] Soneto italiano (dois quartetos e dois tercetos) de versos alexandrinos e estrutura nesse caso arrítmica: AAAA/BBBB/CDC/DCD.

NEIDE AMORIM

É formada em gestão financeira e trabalha atualmente na área, embora desde criança carrega consigo a paixão pela escrita. Ama poesias e livros, dentre tantos autores, seu preferido é o grande Vinicius de Moraes. Escrevia quando criança e na adolescência, porém com a responsabilidade da vida adulta, deixou sua paixão de lado. Entretanto como uma boa sonhadora, não deixou sua paixão cair no esquecimento e voltou escrever, compartilhando suas ideias e pensamentos através de sua conta no Instagram: @poesias_neideamorim. Neide gosta de expor seus pensamentos de forma doce e alegre, acredita que assim possa tocar corações e levar luz para quem a acompanha nas redes sociais.

PALCO DA VIDA 022
A CHUVA 024
GIRASSÓIS..... 026

– PALCO DA VIDA –

As cortinas se abriram,
a peça começou,
no palco, o ator principal: Você!

A vida não permite ensaios,
tudo é improviso,
então, vai embora viver!
Às vezes, acertamos a fala,
as vezes, falamos na hora errada,
há também momentos que calamos,
quando a voz queria gritar!

A cena não se repete,
não podemos fazê-la diferente,
mas existe algo bom,
a cada erro cometido,
podemos, com ele aprender!
Estamos em construção,
longe de ser perfeitos,
mas ninguém, é perfeito não!
Somos todos imperfeitos,
em busca da perfeição,
lutando, aprendendo,
a cada dia uma nova lição!

Acredite, perfeito é somente Deus,
vamos viver, amar, errando, acertando,
acreditando que tudo vai melhorar,
dando nosso melhor e o melhor sempre virá!

Antes que a cortina de feche e não haja mais tempo para amar!
Antes que não haja mais tempo de dizer. “Eu te amo”
“Me perdoa”, “foi sem querer”,
“Você é muito importante para mim e faz com que meus dias sejam melhores”!
Não deixe para depois!
O show da vida é agora!

– A CHUVA –

Olho pela janela,
cai a chuva lá fora,
lavando tudo,
levando a dor de outrora!

A chuva traz nostalgia,
vem a solidão,
mesmo em meio a multidão,
traz saudades de outros dias!

Olha a chuva pela janela,
relembrando velhos tempos,
me vem na memória,
tantos bons momentos!

A chuva nos faz refletir,
toda cor vai embora,
fica um cinza sem fim,
mas ela traz, muita glória,
depois que ela vai embora,
tudo renova e brota.

Faz nascer a flor,
brotar a semente,
que ainda não brotou,
traz renovação,
Traz purificação!

Nós também devemos ser como a chuva,
passamos por dias nublados,
dias que não tem cor,
mas também depois das tempestades,
podemos nos renovar,
deixar nascer o amor,
deixar crescer em nós,
a esperança de dias melhores,
dias de sol,
dias cheios de cor!

– GIRASSÓIS –

Quando estamos para baixo, sem direção,
nos sentindo perdidos,
perdidos e sem chão,
assim como os girassóis,
devemos nos direcionar
à procura da luz!

Deixar que a luz, venha ao nosso encontro,
que energize, os nossos sonhos,
que nos traga, novas esperanças,
que nos regue,
que não nos deixe murchar,
diante das adversidades e
intempéries da vida,
mesmo com todos os obstáculos,
não deixemos de sonhar,
de regar os nossos sonhos,
que não deixemos de acreditar!

Que possamos recarregar,
nossas energias,
naquelas pessoas,
que nos querem bem
e despertam o que há de melhor,
dentro de nós.
que sejamos girassóis,
sempre em busca da luz,
e se não há sol,
vamos trocas boas energias,
entre nós!

S. CARLSON

Artista plástica catalogada e pós-graduada em Arte Educação. Coautora do livro "Precisamos falar sobre relacionamentos abusivos", pelo Belas Urbanas. Desenvolve trabalho com mulheres vítimas de violência e em situação de rua. Participação na coletânea "Mil poetas brasileiros" e antologia "Imensidão poética". Escritora e poetisa, utiliza a arte visual e imagens autorais como ilustração de seus poemas. Amante dos detalhes, da profundidade dos sentimentos e apaixonada pelas cores vibrantes e quentes. Mãe de Lis Carlson.
Página: @poesia.de.si

DORME PEITO 028
ATRAVÉS DO ESPELHO 029

– DORME PEITO –

Embriagado de sonho, não leve, avulso
Dorme nos dentes de promessas passadas
De renúncias tantas que quebram espelhos
Dorme peito que não me larga, de tamanha saudade
Delírio de fala, dedo entreaberto em desespero
Anda pela sala e vara a noite andando pelos cômodos da casa
Chuva nas cortinas, painel de um tanto de medo
E só vejo a roupa e a toalha, a roupa e a toalha
Roupa que nem chegou a ser tirada, nem veio
Toalha que o chuveiro perdeu nas águas, goteiras
Aquele copo marcado pelo tempo de um cheiro doce
E não seria ferida se não fosse pela saudade. Se não fosse
Pela vontade de te receber nas varandas. Molha
A lágrima dobrada ao morder a boca. Louca
De maresia e vento forte. Seria quase morte, mudo.
Mas é o que segue a vida, na sua cruel ou sorte
Lembrança de tudo. Quase tudo.

– ATRAVÉS DO ESPELHO –

Através do espelho do retrovisor, olhei teus negros olhos
chegando, de terno, quente e nobre, gravata azul, cabelos quentes.
Te senti nos ossos e no escorrer da saliva
quase aos dentes, dopados.
Cheiro do mato, ao lado do estacionamento. Cheiro de cimento.
Misturado e doce com os cheiros dos meus pensamentos livres.
E consegui descer do carro, lentamente, firme nas trêmulas pernas,
de um jeito que só o cabelo molhava. Só me lia, inteira. Dobrado
gosto de caminhar na direção do aviso, do perigo daquela paixão.
Arrisquei os joelhos e mal lembrei das horas.
Relógio parou nos segundos.
Havia ali, naquele entardecer de um primeiro encontro,
o mundo,
ameaçado e louco.
E te beijei primeiro com os ombros, com os seios.
Até que num gesto líquido e traiçoeiro, foi a boca, a boca, a boca...
Milhões de vezes a minha boca, naquela saliva bêbada e nada
pouca naquele tudo do nosso primeiro beijo.

CONTOS / CRÔNICAS

PEDRO TAVARES / 033
A ORIGEM DE BAGABA 034
A ORIGEM DE PATIFUM 039
O PRIMO VALDISNEI 043

MIKAELA ROBERTO / 047
IRONIA DO DESTINO 048

ISABELLA FREITAS / 050
CASA OU LAR? 051
SIM, MINHA VIDA ESTÁ BOA 053
VOCÊ QUER SER FELIZ OU TER RAZÃO? 055

ANGELA DONDONI / 057
A CASA DAS AVENCAS 058

LMC OLIVEIRA / 060
ECOS DOS DEVANEIOS INSÓLITOS DE UMA PERITA EM SOLIDÃO 061

DEBORA PAGE / 067
O QUE VOCÊ FEZ EM MIM 068

MARILENE MORAES / 073
MICROCONTO 2 074

HILTON NOGUEIRA / 083
ÀS 4 HORAS 084
O GESTO 085
SERÁ! 086

JOÃO PEDRO / 087
DIGNIDADE 088
BRADO 090
COTIDIANO 092

KELLY CASTRO / 093
ATREVA-SE 094
TÃO LEVE, TÃO LINDA, TÃO SUA 095
RENDO-ME 096

GISELE ALVARES / 097
LEMBRANÇAS DE AMOR 098

JACQUELINE CORIOLANO / 108
O FUTURO A DEUS PERTENCE 109

A. NOGUEIRA SILVA / 113
TENTAÇÃO 114
SUPER-HOMEM (poesia) 118
A INSÓLITA PIRÂMIDE DE SARDINHAS 120

DUDA MATTOS / 123
VOCÊ NUNCA TERÁ UM NAMORADO 124
O PECADO IRREPARÁVEL, A FELICIDADE INALCANÇÁVEL E A MORTE INEVITÁVEL (poesia) 134

JÚLIA LUZ / 136
MADELEINE 137

PEDRO TAVARES

Pai de um rapaz e de três meninas (e agora avô de três lindas meninas), aprendi a contar histórias a noite que lhes ensinavam bons valores e os levavam a viajar com a imaginação e a fantasia. Essa e outras histórias são baseadas nos personagens que ali ganhavam vida. Sou um brasileiro, com formação em química e administração, que atua há quarenta anos no ramo de petróleo, seguindo o sonho de escrever e contar histórias que possam contribuir para alegrar as pessoas e para a formação das próximas gerações. Autor de "As Aventuras de Abreu" e "Meu tio era o Dono do Mundo", e-books disponíveis na Amazon. Estas crônicas (e algumas outras) fazem parte da obra "Crônicas Palhacianas", ainda em elaboração.

A ORIGEM DE BAGABA 034
A ORIGEM DE PATIFUM 039
O PRIMO VALDISNEI 043

A ORIGEM DE BAGABA

— Ei, Bagaba, eu ainda não entendi onde você arrumou esse apelido estranho. "Bagaba". Já conheci Bagaço, Bagueta, Banguela, Bagulha, Bago-de-jaca, Baga-de-cigarro, Braga, Braguinha, Bragueta, Gabola, Gabinha, Gabeta, Bolçola,...

— Chega Patifum, pare antes que fale alguma asneira. Eu sei que eu sou especial. Como eu, só tem eu mesmo, palhaço velho. E fui eu mesmo quem me inventei... Heh,heh,heh que eu já nasci pronto. Assim, assim, todo lindinho e charmoso da mamãe? Nã-na-ni-na-não.

Nasci muito — Ih! Já sei que tem história...

— É claro! Sempre "tem história". Eu tenho muita "história"! Ou 'cê acha lindo, pequenininho, fofinho e cheirosinho que só vendo...

— Tá bom. Mas adianta a "história" para o apelido.

— Você vai perder muuuuuita coisa...

— Adianta...

— Vamos lá: Quando eu era troncudinho, lá em Poção das Cabritas...

— Poção das Cabritas?

— É Poção das Cabritas, minha terra, onde eu me criei...

— E quem nasce lá é..., o que? Bode? Hi,hi,hi..

— Quem nasce lá é homem, se for macho, e mulher, se for fêmea. Que testar minha lambedeira? Não brinca com minha terra que é do coração.

— Tudo bem. Vamos adiante.

— Assim eu vou me desconcentrar... Deix'eu ver...

Bem, acho que eu tinha assim uns nove anos. Eu tenho uma irmã mais velha, a Bié, que estava com uns doze..., treze. A gente se amava, mas sabe como é... os mais velhos com os mais novos... Botava um monte de apelido... Dava cascudo... Tripudiava de mim em tudo que podia. A gente ia junto para a escola todo dia. E ela fazia de um tudo para me deixar para trás. Eu tinha de suar para acompanhar a danada...

Lá pelo bairro vivia um doidinho, um morador de rua, que andava todo sujo. Era um mendigo que pedia esmola para viver. Era trabalhador: catava lata e papel, limpava jardim... se virava fazendo uns bicos. Ele vivia falando sozinho. Conversava, ria, brigava, tudo com ele mesmo ou com algum fantasma que ninguém via. Para piorar o azar dele, ele era fanho.

Ele falava assim bem estranho "focê, fen, fin", trocava as letras, e tal. E os meninos da rua gostavam muito de provocar quando podia. Não podiam vê-lo que gritavam:

— Hei, VAGABUNDO!

Era a pior ofensa do mundo para ele. Aí endoidava de resto e respondia:

— BAGABUNBO N'HÃO! Bagabunbo é focê!, fô pegá tú! Bagabunbo é focê!

E corria atrás dos moleques pela rua. Nunca pegava ninguém. Ia para um lado e para o outro, começava a brigar com o fantasma, e depois esquecia o que estava fazendo.

Eu, pequenininho, tinha dele um medo maior do mundo. A Bié descobriu e começou a inventar um monte de casos: Que ele pegava os meninos e comia o fígado. Ele andava sempre com uns sacos velhos nas costas, com as coisas dele. Ela me dizia que ele botava os pedaços de meninos no saco. Que ela já tinha visto

caveira de bebê, perna e dentes de meninos saindo pelos buracos no saco. Que ele colecionava os dentes para fazer colar.

As vezes o povo dava umas panelas velhas para ele cozinhar e ele andava com elas penduradas por fora do saco nas costas, junto com umas latas. Ela me contava que ele amarrava as latas nas pernas dos meninos presos, para eles não fugirem de noite, antes dele matar e comer o fígado... Era um terror, sô.

— E você acreditava? Por que não perguntava a sua mãe ou ao seu pai? Por que não pedia ajuda para um adulto?

— Ah! Porque algumas vezes eu também mexi com ele, antes dela me contar os casos. E aí ela falava que se eu dissesse para a mãe ela ia me dedurar. Ou pior, ia deixá-lo me pegar para se vingar de mim.

— Que irmã cruel...

— Pior era que ela viu que eu parei de mexer com ele e só fazia correr apavorado, me tremendo todo. Aí foi que se aproveitou de mim. Todo dia, vendo ou não o coitado, ela gritava o alarme: — "VAGABUNDO..." — Pronto. Eu nem olhava, disparava em frente, correndo com os diabos no calcanhar. Chegava na escola suado, o coração disparado, perdia as canetas, lápis, caderno, tudo na correria.

E lá vinha ela depois, rindo de mim. Dava um ódio. E ainda tinha que engolir o choro, que eu era homem e não podia chorar na frente dos colegas. Uns ainda perguntavam: — O que foi?

E eu, sem fôlego, sem poder nem falar: — F.. F... Foi o..., o..., o...

E ela: — Foi nada não, a gente estava apostando corrida. Eu parei para ajudar uma amiga e ele veio sozinho, com medo de se perder, NÃO FOI??? — E eu: — Foi. Só isso.

Ah se olhar matasse..., ela ia cair sequinha ali, naquela horinha...

Até que um dia outro menino me disse que viu ela combinando com a amiga: ia me fazer voltar correndo sozinho para casa. Só para ela poder sair e tomar sorvete com a outra, com o dinheiro do meu lanche.

Dessa vez me enfezei. Quando a gente estava indo, eu já fui esperando o susto. Nem olhava na cara dela com o ódio que sentia. Me preparei. Quando a gente estava mais ou menos no meio do caminho, lá veio o grito:

— VAGABUNDO!!!

Dalí mesmo me virei para ela, empurrei a mochila da barriga para as costas, levantei as duas mãos com os punhos fechados e gritei de volta para ela:

— AAHH, O BAGABA-BUNDO HOJE SOU EU. O BAGABA-BUNDO SOU EU, AAAAAAH!!!!!!

Ela tomou um susto muito maior do que eu esperava. Ficou me olhando estranho, gaguejou:

— O... O... O... va... va... vaga...

Eu gritei de novo, ainda com os braços para cima, o mais assustador que podia: — AAAAAAHHHH, O BAGABA-BUNDO SOU EU, AAAAAAHH!!!!!!

Ela ficou muda, de boca aberta olhando para trás de mim e danou a correr para casa, chorando.

Só aí eu pensei: — Será que...? E, ainda com os braços para cima, me virei...

Lá estava, na entrada de uma porta, o Vagabundo em pessoa... Bem atrás de mim... Parado. Uma perna na frente da outra. As duas mãos encolhidas no peito, como para se defender. Eu nem pensei e gritei de novo, bem alto:

— AAAAAHHHH, O BAGABA-BUNDO SOU EU, AAAAAAHH!!!!!!

Ele gritou de volta: — "MININO" DOIDO, AAAAAAHHHHH !!!, e correu para o outro lado da rua.

Eu disparei para casa, só pensava em chegar e ver o que tinha acontecido com a Bié.

Quando cheguei lá, ela estava na varanda, falando com uma tia, chorando, soluçando e gaguejando:

— O..., o..., o..., Bagaba..., Bagaba...

Aí eu fui dizendo: — O Bagaba sou eu, Tia Nicinha, o Bagaba sou eu. Tô bem aqui, irmãzinha querida, não me perdi não, viu. Estava só passeando com os amigos.

Pronto, aí virei Bagaba para sempre.

— Puxa, que história. E ainda serviu de vingança da irmã... E o que foi feito do Vagabundo? Você ainda ficou tendo medo dele?

— Nada. Depois desse dia, o coitado era quem não podia mais me ver. Era eu aparecer e ele atravessava a rua para longe, correndo e dizendo: — Lá vem o "minino" doido, é o "minino" doido, o "minino" doido...

A ORIGEM DE PATIFUM

— Patifum, palhaço velho, eu acho teu nome muito engraçado, Patifum rima com Pum... Patifum rima com Bodum... Patifum rima com Cabum... (ho,ho,ho,hi,hi,hi).

— Ei, Bagaba, não esculhamba o meu nome não, poxa.

Nome não: apelido, mas gosto dele e foi por ele que me tornei este palhaço lindo, engraçado, super charmoso, inteligente e muito lindo (já disse isto? — mas preciso repetir porque é verdade — LINDO!) e especial.

— Rapaz, e como é que alguém arruma um apelido desse?

— É uma história comprida...

— Conta logo, eu sei que está doido para contar, conta, vai...

— Ah! Bem, já que você insiste... Você conhece a piada do Papagaio do Português?

— Não... E o que tem a ver?

— Tem tudo a ver. A piada é assim:

Um português veio para o Brasil a passeio e foi até uma feira que vendia animais silvestres (naquele tempo já era proibido, mas todo mundo sabia onde elas funcionavam). Lá, ele procurou um vendedor de pássaros. — Homem, estou a procurar um tal pássaro falante, muito bonito, colorido, para levar comigo à Terrinha, sabes tu onde acho?

— O senhor deve estar querendo um Papagaio? — responde o vendedor, um carioca muito metido a esperto. — Isso, isso mesmo, foi como meu patrício me falou. Tens o bicho?

O vendedor não tinha, mas percebeu que o português nunca tinha visto um papagaio e resolveu se aproveitar dele: — No momento está muito difícil conseguir um papagaio adulto, já falante. Se o senhor só quiser um assim, vai ficar caro. E pode demorar uns seis meses para arrumar. Mas se o senhor tiver paciência de esperar o bicho crescer, eu tenho um aqui, filhotinho — e aponta para uma pequena coruja cinza — ainda nem nasceram as penas coloridas. E o senhor pode ir ensinando tudo que quiser para ele aprender a falar. Ele aprende música e até piadas. E eu ainda dou garantia. Se ele não aprender nada eu devolvo seu dinheiro...

E assim o português voltou para casa, feliz da vida com seu papagaio que era coruja.

O tempo passa. Uns três anos depois o vendedor, agora trabalhando como motorista de táxi pega um passageiro no aeroporto. Era o português. Ele finge não reconhecer o passageiro. Mas o português vai logo perguntando — Não era o senhor quem trabalhava numa feira de aves e vendia papagaios, ora pois?

— É, faz muito tempo. Eu lhe vendi algum bicho? Olha mudei de negócio e agora não posso mais dar garantia de nada. Era um papagaio, não? E aí, ele já aprendeu a falar?

— Era mesmo muito novo o bichinho. Falar, ainda não está falando nada, mas presta uma atenção…"

— KKKKKKKKKKKKKKKKKKKK. Presta atenção. A Coruja. Com os zóião. Presta atenção... KKKKKkkkkkkkk... E daí, que é que tem a ver coruja com apelido? — insistiu Bagaba.

— Daí que eu tinha uns onze anos, achei que todo portuga fosse realmente otário... e eu e meu amigo, o Dorzão, éramos os mais espertos do mundo.

— Dorzão... Seu amigo tinha muita dor?

— Não, o nome da mãe dele era Das Dores. O filho menor era Dorzim e o maior Dorzão.

— Ah. E o Patifum... também veio da sua mãe?

— Claro que não. Me deixa explicar que chego lá. Eu e o Dorzão, a gente sabia onde morava uma família de corujas num terreno baldio. E na nossa rua tinha uma padaria cujo dono era um português. A gente só achou que ia ganhar um dinheirinho fácil e tirar onda com os outros meninos da rua. Falamos para o portuga que tínhamos comprado um filhote de papagaio e ele podia ser um dono melhor, ensinar o bicho, etc. Ele disse que topava e marcou para o outro dia a tarde.

Fomos direto para o terreno e, depois de muito custo, conseguimos pegar a coruja. A gente já estava combinando de pedir mil, 2 mil, 5 mil, por que não? Era um otário mesmo.

Quando chegamos lá, ele mandou a gente entrar e esperar no escritório. O bicho numa caixa. Mas enquanto a gente estava lá imaginando como gastar a grana o que chegou foram dois guardas da Polícia Ambiental para apreender o papagaio. O portuga era defensor do meio ambiente.

Quando abriram a caixa o português falou — Uma coruja? Cadê o papagaio? Ah, patifes, achavam que iam me enganar? Agora vão se explicar para a Polícia.

Depois de algumas horas as mães da gente vieram nos buscar e levaram um baita sermão dos agentes. Que precisavam nos ensinar a preservar o meio ambiente. Que aqueles animais estavam em risco de extinção e tal. Minha mãe só ouvia. Ouvia e me dava aquele olhar: "Deixa só chegar em casa". E quando chegamos foi mesmo uma lição inesquecível, nunca mais prendi bicho nenhum. Nem tentei enganar os outros.

Bagaba não se conteve e cortou o silêncio. — Lindo, bem-feito, mas e o apelido?

— Ah, sim. Com a gente lá dentro e o carro da Polícia na porta, juntou um monte de vizinhos e meninos do bairro para ver. Quando íamos saindo da padaria alguém perguntou ao português o que houve. Ele respondeu alto: - Estes pequenos patifes queriam me enganar. Patife Um e Patife Dois.

Ele falava com um sotaque forte: "Patífff Um" e "Patífff Dois"

Os meninos começaram então a zoar: "Patífff Um", "Patífff Um", "Patifum", "Patifum".

E aí pegou. Nunca mais falavam meu nome. Agora eu era o "Patifum".

No começo achei ruim e brigava. Ficou pior. Depois achei que ia passar logo. Mais tarde passei a gostar. E aprendi a rir, contar piadas e fazer graça. Descobri o palhaço dentro de mim.

— Muito legal. Você virou um patife mesmo, faz cada uma. Mas um patife do bem. Que gosta das crianças e faz elas rirem. Um doce patife. O Patifum. Mas, e o seu amigo, o Dorzão, mudaram o apelido dele?

— Esse aí não nunca aprendeu. Ele dizia para os meninos que o apelido dele de Dorzão era porque ele era valente e brigão, e causava muita dor nos inimigos. Pura conversa, era um grande covarde. Eu virei o Patifum e ele, que era o patife dois, virou o "Doisão"... E chorava quando os meninos mangavam. Odiou. E continuou o resto da meninice tentando enrolar o portuga e enganar outras pessoas. Mas nunca teve sucesso não. E acho que jamais vai tomar jeito.

— E por onde anda o Doisão? Virou palhaço também?

— Oxe, virou foi advogado. Mas diz para todo mundo que a vocação dele é a política. Vive tentando se eleger Deputado...

— Eita! Cruz credo. Vai de ré, Satanás...

— É, Bagaba, que o Criador nos proteja desse tipo de político.

O PRIMO VALDISNEI

Quando a história começa, encontramos nosso jovem palhaço Bagaba olhando o celular e rindo sozinho. Rindo não, tendo surtos de risos. Risos? Eram mais como gargalhadas. Curtas, enlouquecidas, divertidas, repetidas e felizes.

— Bagaba, meu grande amigo. Que alegria bonita essa, pode me contar essa piada também ou é algum segredo?

— Patifum, (kkkkkkkk) que bom ver você, palhaço velho (ho,ho,ho,hi,hi,hi).

— E então, posso saber o que você viu aí?

— Rapaz, recebi uma mensagem da minh' irmã falando que a tia da cunhada da sogra da sobrinha da vizinha da minha prima morreu esse fim de semana.

— BAGABA!!!... e você está achando graça NISSO?

— NÃO! Eu nem conhecia ela. Cruz Credo! Achei engraçado porque ela morreu de tanto que riu quando escutava uma das estórias do meu primo 'Vardisnei'.

— Ah!

— E aí comecei a lembrar das histórias e dos desenhos do primo e danei a rir, hihihi...

— Você tem um primo chamado Vardisnei? Que faz desenhos em quadrinhos e conta histórias engraçadas?...

— Não é 'VaRRdisnei', ora, é Varl-dis-nei, com 'Varl'

— Entendi, já conheço você e seu jeito de falar, deve ser VAL-DIS-NEI

— Isso, isso mesmo. Desde novinho que ele escreve e conta umas histórias... "Inté" as vezes faz como um teatrinho... imita as vozes e tudo.

— Conta umas aí pra eu rir também...

— Então: Ele tem uns personagens que falam, andam e fazem umas coisas muito engraçadas. Tem um rato chamado Mico...

— Rato Mico? Do Valdisnei?

— Deix'eu falar, sô: Tem o Mico, que é um rato, detetive muito do esperto. Ele tem uma namorada, a ratinha Mina...

— Mico e Mina, sei...

— Arre sô, escuta ou vai-se embora...

— Tá, Mico, Mina e Val-dis-nei...

— Isso, o Mico tem um cachorrão, o Puto... (kkkk)

— Mico tem um cachorro, o Puto. Puto com o quê?

— Vai perguntar assim na China. Pres'tenção: O cachorro é puto acho que é por causa dos bichinhos, o Tic e o Tac que vivem aprontando com ele.

— Tic e Tac? Não seria Tico e Teco? Uns esquilos? Ou são ratos também?

— Eita e tu quer saber mais do que eu? O Vardisnei é primo seu? Deixa terminar sô.

— Tá, pode falar. Vou ficar mudo.

— Então tá: Tic e Tac são 'hamster'. E são uns pestinhas. Outro dia o Puto conseguiu derrubar a comida do Tic e Tac e enterrou. Ah! Os bichinhos o fizeram correr, derrubaram o varal de roupa lavada e deixaram o Puto todo amarrado. Aí comeram toda a comida dele. Quanto mais o Puto brigava e esperneava, mais se enrolava e os bichinhos riam e mangavam dele. Foi demais.

— Humm... Hamsters, sim...

— E os outros: Tem o Pai Tréta, um cachorrão preto, altão — Galalau mesmo — que é muito atrapalhado. Ele acredita em todo mundo, e vive querendo ajudar, mas tudo que vai fazer derruba os outros, cai, quebra as coisas e se enrola todo, mas no fim dá certo e fica tudo melhor.

Tem ainda o Pato Danado. Fala muito embolado e é todo nervosinho. A namorada dele é a Florzinha, toda lindinha e o Danado vive louco de ciúmes. Vive desempregado por causo dos pití...

E o Danado tem um tio chamado Tio Patinho, que é muito do amarrado. Imagina que quando ele toma banho, fecha a mão de um jeito que o sabão sai sequinho, nem gasta nada.

.

— Tá bom, e onde vivem esses personagens?

— Em Ratópolis, ora, onde mais ia ser a cidade do Rato Mico?

— Sei lá, achei que a cidade seria Patópolis, por causa dos patos...

— Onde já se viu, cidade de pato? Nãão, tinha que ser mesmo Ratópolis.

— E tem outras histórias? Personagens?

— Oxe, MUITAS mais. Claro..., Deix'eu lembrar:

Tem a dos Três Bacurinhos e o Lobo Guará...

Tem as das Princesas: A Bonitona Dormideira..., O Monstro e a Bela..., A pequena Iara..., A Branca-de-Flor e os 7 menininhos... Tem também o Xande, um veadinho que fugia dos caçadores..., tem o Rei Onção!

E tem ainda a estória mais nova, que fez a velha morrer de rir. Minha irmã estava me contando. Os Pinguins de Maracajá, que fala de uns animais de Zoológico que fogem e tentam voltar pra casa, mas se perdem por causa de uns pinguins que aprontam muita confusão. Estou doido para ver os desenhos.

— É, Bagaba, com toda essa "criatividade" e "inspiração" o seu primo Valdisnei vai ter que tomar cuidado com os fiscais de registros do Direito Autoral.

— E eu já não falei disso pra ele?

— Foi? Você pensou nisso? E o que ele respondeu?

— Que vai tomar cuidado e registrar tudo no Cartório e na Polícia Federal. Não dá pra vacilar não. Esses estrangeiros são MUITO espertos. Chegam aqui, copiam tudo, mudam os nomes e vão ganhar dinheiro com as ideias da gente. Mas já estamos de olho, estamos de olho...

MIKAELA ROBERTO

É casada com Jerônimo e é mãe do Gabriel. Nascida em Itajaí, SC, mora em Seropédica, RJ, onde atua como professora associada de Língua Portuguesa dos cursos de Letras da UFRRJ, e do Mestrado Profissional. Com Pós-Doutorado (2020) em Psicolinguística pela UFSC, coordena o grupo de pesquisa do DGP do CNPq intitulado NEALin — Núcleo de Estudos em Aquisição da Llinguagem. É escritora e editora, ministrando cursos e palestras sobre os temas de seu interesse. Sua publicação científica mais relevante é Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório, pela Parábola (2016). Escreveu as obras infantis O Q VC V?, pela Edur/UFRRJ (2017) e Amor pode vazar, mamãe?, pela Vinde (2018), um ensaio sobre a felicidade, intitulado Sobre pérolas, letras e felicidade, pela Multifoco (2015), com reedição em formato digital pela Missão Asa (2020), além dos livros Você está pronta? (2018) e 12 aromas (2020), pela mesma editora.

IRONIA DO DESTINO 048

IRONIA DO DESTINO

Era setembro, primavera. Embora a estação fosse propícia a sonoras flores e doces perfumes, havia um vento amargo, doído. As ruas estavam desertas. As casas eram alcatrazes... ilhas impenetráveis. E ele ali, só, *soíssimo* contra o vento, até que topou com uma pedra bem no meio do caminho e sentiu-se numa história drummoniana.

Parou. Sentou-se à beira da calçada e pôs-se a imaginar o quão estúpida era sua existência. De quase tudo sabia quase nada. Um almanaque de inutilidades. Sim, era o que se acreditava.

Pois bem, decidiu que a partir dali seria diferente. Não mais perderia seu tempo com *ininformações* nem gastaria seu sacrificado salário em bordéis e garrafas e fumaças e *bobageiras* outras. Não mais passaria pelas pessoas sem dar-lhes um sorriso... Não mais deixaria a vida passar por ele sem que a tivesse percebido.

Aproveitaria o dia, como naquele filme: *CARPE DIEM*. Viveria intensamente cada momento. Trocaria de emprego. Sentiria o Amor. Faria novas amizades. Encheria seu peito de paz. A branca e doce Paz, tão almejada pelos mortais. VI-VE-RI-A. Ah! Aprenderia coisas novas (e úteis!) Seria um homem, não uma fonte de inutilidades.

Nisso, esbofeteou-lhe o rosto um pedaço sujo de jornal. Era de dezessete de agosto. Horóscopo: *"Dia cheio de surpresas. Não se deixe desanimar por pedras no caminho, mas cuidado com entusiasmos em demasia. Procure equilíbrio e ponderação. Cor cinza. Número treze"*.

E, rapidamente, tudo se tornou nublado.

Treze.

Pedra.

Ponderação.

Mesmice.

Deixou cair o jornal das mãos cansadas e ergueu-se com certa dificuldade. Saiu a caminhar, cabeça baixa, tropeçando noutra dura pedra drummoniana.

Não sabia ele que, apesar do vento, já era setembro. Primavera.

Mas era tarde!

ISABELLA FREITAS

Isabella Hendrix, nascida em Belo Horizonte no dia 25/11/1988. Casada, formada em Gestão Comercial e apaixonada por leitura, literatura e escrita. Por conta dessa paixão, criei a página no Instagram como forma de falar e aprender sobre esse universo. Hoje, vivo em busca de conhecimento, aprendizado e desenvolvimento na área da literatura, com o objetivo de disseminar e monetizar esse conhecimento. Sempre tive o sonho de viver da escrita, e hoje com a tecnologia a meu favor, busco através de projetos como esse, realizar esse sonho.

CASA OU LAR? 051
SIM, MINHA VIDA ESTÁ BOA 053
VOCÊ QUER SER FELIZ OU TER RAZÃO? 055

CASA OU LAR?

Você sabe a diferença entra casa e lar? A minha percepção é a seguinte:

Casa é um endereço. Um lugar que te abriga, que você habita e guarda seus bens materiais. É onde você decora, enfeita e constrói de forma física, os seus sonhos.

É onde você se abriga da chuva e se protege do sol. Pode ser pequena, grande, simples ou luxuosa, mas no resumo é tudo matéria. É o que o dinheiro compra. Ou deixa de comprar.

Lar é diferente. Pode ser no mesmo ambiente físico, mas é diferente. É onde você entra e se sente acolhido. É onde o coração repousa depois de um dia de trabalho.

É o aroma do café fresco todas as manhãs, e o cheiro das roupas limpas apanhadas do varal. É onde você deseja estar quando fica fora por muito tempo. É aquele recanto que você acha inabalável e que ninguém é capaz de te tirar de lá. É para onde você corre quando o dia acaba e encontra o abraço de um filho, ou o rabo balançando de um cachorro. É aquele lugar que te alimenta, e não apenas mata sua fome. É onde você encontra paz, mesmo envolto de uma vizinhança barulhenta.

Lar é onde o seu coração pulsa quando vai preencher um formulário com o seu endereço. E, ao mesmo tempo, ele não tem nada a ver com o CEP, mas tem tudo a ver com o que te espera nesse lugar.

Lar é amor. É onde você encontra sua esposa preparando o jantar com o cabelo desgrenhado e mesmo assim a considera linda. É onde seus filhos quebram sua caneca do time do coração, e o cachorro come seu chinelo.

É vida. É onde a vida se refaz, a cada dia. E a cada nova vida gerada dentro de um lar é uma esperança de novos lares felizes

futuramente. Porque o que aprendemos dentro do nosso lar é sagrado, e fica para sempre em nossa memória.

O que tem sido seu habitar? Uma casa ou um lar?

SIM, MINHA VIDA ESTÁ BOA

Sim, minha vida está boa. Obrigada! Sem ironia ou mentira, minha vida está boa. O mundo está em caos. O Corona vírus está matando um monte de gente. Tem várias pessoas perdendo o emprego. Mas sim, a minha vida está boa. Não estou sendo fria e indiferente aos problemas do mundo, mas preciso ser honesta comigo mesma e perceber que a minha vida está boa. Minhas contas estão pagas, minha geladeira abastecida e o amor da minha vida dorme ao meu lado. Já são motivos suficientes para eu saber que a minha vida está boa.

Às vezes, claro, carrego a culpa de estar bem. Me culpo por não está passando problemas cruéis e tristes. Já viu uma coisa dessa?! Sentir culpa por estar feliz?

Volta e meia eu levo essa questão para a terapia, e sempre escuto da minha psicóloga: — Mas você tem o direito de estar feliz, Relaxe! OK.

Sei que parece até loucura, mas a maioria de nós, não assumimos que estamos felizes em meio ao caos. E isso é um erro, afinal nem sempre o problema é nosso. Na maioria das vezes nunca é. Mas tomamos para nós como se tivéssemos o dom e a capacidade de resolver tudo para todo mundo. Não é assim que funciona, infelizmente. Ou felizmente.

É certo que mesmo a minha vida estando boa eu tenho os meus problemas. Tenho insônia, um problema crônico de saúde, problemas familiares e briga de casal. Mas isso não torna minha vida ruim. Torna minha vida real. Trabalho, faço terapia, tento me alimentar bem e procuro ouvir mais e falar menos. Esses são os meios que encontrei de tornar a minha vida boa, mesmo com os problemas.

Lógico, com bom senso e humildade, eu não saio por aí expondo minhas glórias e virando a cara para os problemas alheios. Pelo contrário. Estou sempre atenta às necessidades dos amigos, faço o que posso pela família, oro para que Deus abençoe a nação e o planeta. Tenho minhas boas práticas e sou muito, mas muito grata a Deus por poder dizer, ou apenas sentir, que a minha vida está boa.

Vou te dizer o mesmo que a minha terapeuta me diz: — Você tem o direito de estar bem e feliz! Mesmo com o mundo caótico!

Não seja rude e pratique a empatia, mas se sua vida está boa, desfrute! Viva e sinta! Só se vive uma vez, e já que estamos aqui, vamos ser honestos com nós mesmos.

VOCÊ QUER SER FELIZ OU TER RAZÃO?

Estou aqui desabafando com minha amiga sobre meus problemas pessoais e ela me fez a seguinte pergunta: Você quer ser feliz ou ter razão?

Minha resposta foi: Dá para ter as duas coisas? Seria ótimo ne?!? Mas a verdade é que nem sempre vamos ter os dois. Na verdade, quase nunca! Isso é bom. Nos ensina sobre prioridades, sobre relevância, sobre o que realmente importa.

A pergunta ficou pairando na minha cabeça o dia todo. Me fez ver que ter razão nem sempre é tão importante. Estamos vivendo um tempo difícil. Estamos perdendo vidas, empregos, paz e tantas outras coisas. Estamos discutindo sobre política, doença, dinheiro, economia. Estamos gastando nossa energia no amanhã, mas dele nada sabemos. Estamos ouvindo só notícias ruins, e estamos contribuindo para isso, de uma certa forma.

O que realmente importa para você? Esse não era para ser mais um texto filosofal sobre a crise, ou as crises que estamos atravessando. Mas não tem jeito, quando o assunto é comum e repetido, textos assim são comuns e repetidos. Enquanto não aprendermos que tudo isso é consequência, não só dos nossos atos, mas também dos nossos pensamentos, sentimentos e energia, tudo vai continuar como está! Que triste! E quem "paga o pato" somos nós mesmos. Tendo que responder essa e outras perguntas que nos fazem porque algo está errado e uma decisão precisa ser tomada.

Um conselho, mais um de alguns que deixo aqui: se faça essa pergunta e responda para você mesmo. Você quer ser feliz ou ter razão? Você quer discutir ou resolver? Você quer amar ou

odiar? Você quer ser leve ou carregar pesos e mais pesos nas costas, e chegar cansado ao fim do caminho?

Por hoje, vou repensar minha resposta egoísta de querer os dois e vou colocar na balança o que mais importa.

ANGELA DONDONI

Angela Dondoni nasceu em Cascavel, cidade do Oeste Paranaense, formou-se em Letras-Literatura, pois as histórias sempre a encantaram. É mestre em Letras pela mesma Universidade e trabalha como professora de Língua Portuguesa. Adora ler biografias, romances e contos também aprecia leitura de haicais, poemas. Escreve haicais, poemas e contos que são publicados em redes sociais, como Stagran e Recanto das Letras. Participa de algumas Coletâneas e Antologias de poemas e contos. Stagran: angeladondoni_w

A CASA DAS AVENCAS..... 058

A CASA DAS AVENCAS

Dirigi meu carro até deixar pra trás qualquer vestígio da cidade. Parei, desci, respirei.

Como era bom encher os pulmões com ar puro, sentir o cheiro da terra, do mato.

Iniciei a caminhada por uma estradinha de terra, em meio a muito verde, eram muitos ipês, louros, paineiras floridas, castanheiras cobertas de maritacas verdes que se deliciavam com seus frutos e cortavam o silêncio com sons estridentes.

O sol, com seu calor foi me aquecendo, me doando sua força para a íngreme subida. Depois de algum tempo andando, ao aproximar-me do topo, avistei um enorme pomar, cercado de muitas arvores nativas, ouvi o barulho das aves, que vinham deliciar-se com as frutas e com certeza, procurar um lugar seguro, refugiar-se também.

Andei mais alguns passos, sentindo o aroma de carambolas, entrei no pomar para pegar algumas poncans maduras, descansei em uma pedra, sentia o odor inebriante que saia da casca da fruta sendo rasgada por minhas mãos e passeava em minhas narinas. Enquanto degustava a doçura, ouvia os sons melodiosos de pássaros, eram muitos, avistei um pica-pau, tirei foto, depois, chegou um bem-te-vi, olhou e saiu voando,

Andei até o final do pomar e percebi que havia uma casa, aproximei-me, a curiosidade e mais alguma coisa, me atraiu para ela...

Dei na lateral da habitação, quatro janelas e uma porta grande de um porão no subsolo. A casa era uma enorme construção das décadas de sessenta ou setenta, com a tinta desbotada, um pedaço do beiral caindo e alguns vidros trincados.

Parecia aconchegante, mas estava desabitada, tinha uma entrada pequena, graciosa e convidativa, no centro, uma porta de metal e vidro martelado, aproximei o rosto, em vão, não consegui ver seu interior.

Notei o belo jardim, com hortênsias azuis, muitas rosas de cores variadas, camélias, orquídeas, onze horas, trepadeiras e bem no centro, um mar de avencas verdes, muito verdes.

"Engraçado, mesmo a casa estando com a aparência de ter sido abandonada há muitos anos, o jardim continua bonito, com as flores bem cuidadas e a grama aparada..."

Estava perdida nesses pensamentos, quando um som me trouxe de volta, olhei pra trás, um grande pé de coqueiro, nele dois periquitos me observavam, peguei o celular e filmei, pareciam bibelôs paradinhos e imóveis, de repente, soltaram gritos, passaram por cima da minha cabeça e pousaram nas araucárias que pareciam estar com os braços para cima agradecendo ao criador pela vida.

Sentei-me na calçada em frente à casa para apreciar um pouco mais aquele agradável jardim, sentia o odor das plantas aromáticas. Alecrim, hortelã, lavandas, faziam parte da coleção. O ar era todo perfume de frutas, flores e plantas. *"Como era bom estar ali, o verde, o colorido das flores, o sonido encantador das aves, como esse lugar me fazia bem, quanta paz..."*

Perdi a noção do tempo, olhei o celular, precisava voltar, descer o morro, pegar o carro, ia escurecer. Mas antes, tive a ideia de levar um pedacinho daquele lugar comigo. Escolhi as avencas, tirei uma muda.

Em casa, plantei-as em um vaso, coloquei água e muito carinho. Murcharam. Secaram. Morreram apesar de todo cuidado.

Retornei à casa das avencas muitas e muitas vezes, sempre que necessitava acalentar minha alma e sempre trazia comigo uma muda de avenca, contudo elas nunca sobreviveram fora daquele jardim.

LMC OLIVEIRA

Lívia Maria Caixeta Oliveira (LMC Oliveira) se define como uma apaixonada por viagens, café, vinho, prosa e poesia. Casada e mãe de duas crianças, Lara e André, é advogada, pós-graduada em Direito Civil e Processo Civil. Já participou de antologias de poesias tendo alguns poemas publicados. No ano de 2021 publicou seu primeiro romance intitulado de: Todo amor que podemos ter. Atualmente, mora em Goiânia/GO e vive com seus filhos e esposo, sempre a programar a próxima viagem e a escrever novas histórias.

ECOS DOS DEVANEIOS INSÓLITOS DE UMA PERITA EM SOLIDÃO 061

ECOS DOS DEVANEIOS INSÓLITOS DE UMA PERITA EM SOLIDÃO

Estava pra baixo, sentindo-me meio deprimida. Ando me sentindo assim, cansada de mim mesma. Sei lá, acho que um vinho pode ajudar.

Sirvo-me da taça. Resolvo olhar pela janela. Moro no décimo quinto andar, então tenho a graça afortunada de ter uma bela vista. Apesar disso, da janela que resolvi olhar, a grande janela da cozinha, só consigo avistar prédios a mais ou menos uns cem metros de distância, se pensar em linha reta.

Nesse devaneio de querer ver o horizonte, avistei um prédio e foquei a cobertura de dois andares, a qual estava estranhamente com todas as luzes acesas. Quando digo acesas, é, tipo, realmente, todas acesas!

PS: ignore o "tipo", por favor, pois é influência de meu filho adolescente, mas vamos lá, passemos ao que interessa.

Dois andares iluminados feito o sol, como se estivesse de dia. Cômodo por cômodo, todos acesos. O brilho em seu total esplendor.

Fiquei a imaginar tamanha extravagância, já que a conta de luz de meu apartamento vinha tão cara. Pensei comigo mesma: quem, em sã consciência, vai acender todas as luzes da casa? Ri sozinha com o pensamento, mas permaneci ali de frente para a janela, com minha taça de vinho, solitária, apreciando a luz do "sol".

O outro dia veio: mais rotina, mais trabalho, mais obrigações, mais frustrações. No fim, já início de noite, lá estou eu mais uma vez na cozinha. Preparo uma massa, sirvo-me de uma

taça de vinho e me debruço na janela. De repente, meio que sem perceber e sem pensar, vejo-me atraída pela luz do "sol" novamente.

A cobertura a cem metros está lá, iluminada, resplandecente, retumbante, exuberantemente acesa! Começo a sorrir e a pensar: "*Meu vizinho de vista é doido mesmo, ou realmente gosta de pagar altas contas de luz"*. Apago a luz da minha cozinha, finalizo minha taça de vinho e vou dormir, ainda sorrindo.

Noutro dia, a mesma rotina e, noutra noite, a mesma resplandecência: todas as luzes acesas, e meu coração intrigado e sonhador.

Começo a fazer daquilo um ritual. Toda noite é assim: servir uma taça de vinho, preparar uma refeição, debruçar na janela e esperar a cobertura vizinha se acender.

Dia após dia, ou melhor, noite após noite, a mesma rotina: refeição, taça de vinho, apreciação do sol, *ops*, da cobertura acesa.

Enquanto me debruço na janela, começo a me enfeitar. Sabe-se lá por quê! Só sei que o faço.

Batom, máscara de cílios, blush, vestido arrumadinho ou mesmo calça jeans com uma bela blusa justa. Dispenso o salto alto, afinal, estou em casa, ora bolas, tudo tem limite.

Ora bolas? Ihhh! Denunciei minha idade, mas lembro-me de ter confessado ser mãe de adolescente, então já estou perdida de toda forma.

Prossigamos com o ritual. Todo dia me debruço na janela e aprecio as luzes acesas, que estão lá reluzentes e impositivas. Depois me pego a pensar de forma rítmica: *"Quem mora ali? Por que acender todas as luzes da casa? A que teme, ou melhor, por que necessita de tanta luz? Necessita sair da escuridão?"*. E por aí o pensamento flui...

Durante o dia, não penso em meu vizinho resplandecente, mas, quando a noite cai, tudo vem à tona. Ele se torna minha obsessão. Começo a divagar.

Será ele um homem de uns trinta e poucos anos, ou melhor, de uns quarenta anos cravados? Independente, autossuficiente, malhado — sem exagero —, podendo ter até uma leve barriguinha de chope (leve mesmo, já que estamos falando em idealização).

Após me arrumar com minha quase insignificante maquiagem e meu vestido sensual, opto por ficar descalça. Acho mais atraente, e sempre disseram que meus pés são bonitos, então meu vizinho iluminado pode vir a gostar de meus pés.

Mais uma taça de vinho — hoje branco, meio que enjoei do tinto — branco, seco, argentino, *Chardonnay*. Debruço-me na janela convencida de que o vizinho também me vê e que, às vezes, ele me olha até com binóculo, aprecia meus vestidos e minha maquiagem suave.

Vinte e três horas de uma quarta-feira, e meu vizinho continua lá com as luzes acesas, e eu a sonhar.

Ele me vê! Hoje tenho certeza. Sirvo-me da taça de vinho e brindo na janela, visto que tenho a consciência de ele estar lá me esperando para, enfim, jantar.

Viro-me por um momento — preciso atender às necessidades de meu filho adolescente, afinal.

Preparo uma refeição, conversamos um pouco, e ele me conta sobre seu dia: o que fez na escola, as intrigas com os professores, as brincadeiras com os amigos, a insatisfação com as matérias, e por aí vai. Serve-se de uma *Coca-Cola* e me avisa que vai para o quarto finalizar a refeição lá, pois precisa fazer uma chamada de vídeo.

Ok! Digo boa noite e me volto para a janela da cozinha.

Sirvo-me de mais uma taça de vinho e novamente levanto o brinde. Com certeza, ele ainda me aguarda para iniciar a refeição.

Hoje fiquei agoniada. A cobertura se apagou. Já se passaram três noites que meu vizinho não acende uma luz sequer.

Não está em casa, obviamente, porque senão as luzes voltariam a brilhar.

Quinze dias se passaram, e hoje a cobertura se acendeu novamente, em todo o seu esplendor. Passo um batom vermelho, coloco minha camisola preta de renda (ela desce abaixo do joelho), sirvo-me de uma taça de vinho tinto (meu paladar voltou a apreciar os tintos) *Merlot* chileno. Ergo a taça e faço um brinde ao meu vizinho. Ele certamente sentiu muito a minha falta.

Meu filho resolveu passar o fim de semana na casa de um amigo da escola. Como conheço os pais do rapaz, acho por bem permitir, mas, por conta disso, fico sozinha no sábado.

Resolvo preparar uma pizza e chamo uma amiga para fazer-me companhia. Ela aceita; está amargurada devido a uma separação recente. Sei bem o que é isso! Tomamos uma garrafa de espumante — *Brut,* das Serras Gaúchas —, comemos a pizza de calabresa, ela chora no meu ombro por umas duas horas e, enfim, despede-se.

Organizo a pia, lavo os pratos (detesto amanhecer o domingo com a cozinha um pandemônio), finalizo a noite mandando um beijo direcionado à cobertura, que reina resplandecente ao lado de uma lua cheia.

Ahhh! Ele me ama, certamente. Ele é um homem de olhar sombrio, vive em solidão, já passou por muitos sofrimentos na vida, por isso necessita tanto de luz.

Desço pelo elevador e me sento um pouco na portaria do prédio. Conversa vai, conversa vem com o porteiro, então resolvo abordá-lo quanto ao assunto do prédio em frente ao nosso, que tem uma bela cobertura.

Pergunto se, por acaso, ele não sabe quem é o dono da cobertura. Ele nega com a cabeça e me informa que daquele prédio o único morador que ele conhece é um vereador, que mora no terceiro andar e que patrocinou uma dentadura para sua mãe idosa, há uns dois anos, quando a dela caiu pelo ralo do banheiro

que estava sem tampa. Eu dou um sorriso sem graça e me despeço, pegando novamente o elevador.

A cobertura está toda acesa como sempre, mas, mesmo com a distância, eu consigo perceber que está abarrotada de pessoas. Meu vizinho está dando uma festa. Começo a me convencer de que seria bom se eu adquirisse um binóculo.

Entrei em férias do serviço e resolvi começar a fazer umas caminhadas. Ando em volta do prédio, vou até o prédio de meu vizinho, e a cabeça voltada para cima, olhando a cobertura.

Passo a caminhar todos os dias. O pescoço já está até doendo de tanto que contemplo a cobertura do vizinho.

Não compro o binóculo. Recuso-me a aceitar que lá, naquela bela cobertura, more alguém diferente do homem da minha vida: com seus quarenta anos, belo, dentro da medida, que vive bem na solidão e que ama a sua vizinha de frente, aquela que lhe brinda toda noite com uma taça de vinho.

Resolvi, por fim, a minha agonia. Calço o tênis, prendo o cabelo em um rabo de cavalo alto, passo um batom rosado, coloco uma calça *legging,* um *top* e uma camiseta solta que cubra até o quadril. Começo minha corrida e, no caminho, vou bolando um plano.

Hoje descubro o nome do homem da minha vida que mora na cobertura resplandecente.

Paro em frente ao prédio. Já estou com o discurso decorado. Vou jogar uma conversa no porteiro, e ele vai me dizer a identidade do meu amor idealizado.

Passo na padaria e compro uma pequena cesta com quitandas, geleias e cafés especiais. O plano perfeito.

Paro em frente ao prédio. É agora ou nunca!

— Olá, estou com uma encomenda para entregar ao morador da cobertura, mas perdi a anotação com o nome. Pode, por favor, me dizer qual é o nome para eu confirmar a entrega?

Escuto o ribombar de meu coração — *tum, tum, tum*.
Enfim, o homem fala:

— Pois, não!

FIM

DEBORA PAGE

É carioca, mãe, esposa, apreciadora da natureza, amante de um bom café e fã de novelas mexicanas. Nutre desde a infância o gosto pela escrita, usando-a para expressar seus sentimentos em diários e cartas. Por meio de um trabalho escolar, em que teve sua história escolhida para representar seu grupo, percebeu que conseguia transmitir ideias e sentimentos para o papel, de forma clara e que agradava às pessoas. Sua paixão pela dramaturgia mexicana serviu como inspiração para que a autora escrevesse seu primeiro livro, "Além das possibilidades" publicado pela editora Flyve. A aceitação do livro lhe deu a coragem necessária para participar do concurso do "Leitura e diversão", escrevendo assim o seu primeiro conto "O que você fez em mim". @escritora_deborapage

O QUE VOCÊ FEZ EM MIM 068

O QUE VOCÊ FEZ EM MIM...

Hoje eu fui à estação de trem. Acordei cedo, coloquei aquele macacão velho que você insistia em dizer que parecia de ballet, prendi o cabelo num coque frouxo e, claro, me agasalhei com o casaco que roubei de você e que mal sai do meu corpo. Subi as escadas em zig zag como você adorava fazer e me arrastava para acompanhá-lo, porém dessa vez não me peguei pensando no que as pessoas pensariam de mim; apenas aproveitei o meu momento e me diverti lembrando das suas bobeiras.

Me atrevi a subir naquele ferro que me transmitia insegurança, assim como você adorava fazer e, dessa vez, mesmo sozinha, tive coragem de abrir os braços. Não foi uma sensação ruim sentir o vento gelado me provocando arrepios, apesar de parecer cortar a minha pele. Ainda assim me trouxe a sensação de liberdade da qual você sempre falou. Fiquei por uns minutos ali apreciando cada detalhe, tentando enxergar da mesma forma que você. Fiz tudo igual. Fiquei um tempo analisando as pessoas que entravam na estação e inventando histórias na minha cabeça a respeito delas. Eu ri, ri sozinha. Parecia um pouco desrespeitoso para mim, mas me vinha na cabeça a sua voz dizendo que era só uma brincadeira nossa e que não era para ser transmitida a ninguém; só um jeito diferente de ver a vida. A moça da bilheteria perguntou por você assim que me viu. Disse que estávamos sumidos. Eu vesti o meu melhor sorriso ali. Quando passei pela catraca, foi impossível não me lembrar da sua brincadeira sem graça de segurar minha mochila me fazendo dar um passo atrás. O mais estranho foi que eu senti falta disso, logo do que eu mais reclamava. E nesse exato momento, me flagrei com um sorriso de canto me lembrando do seu. Sem dúvida o sorriso mais lindo que

eu já vi! Sem mencionar o olhar expressivo e fascinante que tanto me chamou a atenção. Um olhar tão intenso que me fez querer decifrá-lo. Foi quase uma necessidade querer saber o que os seus belos olhos castanhos queriam me dizer. Lembro-me perfeitamente de detalhes como se fosse hoje. Eu subi naquele palco tentando conter a vergonha da minha primeira apresentação. Era só um grande ensaio geral para o espetáculo no dia posterior, mas ainda assim era um marco para mim. Foi quando eu o vi sentado na plateia. Você ali, sem postura alguma, apenas com as pernas jogadas por cima dos bancos como se estivesse em casa. Senti na mesma hora as minhas pernas bambearem. Fiquei inquieta… agitada é a melhor palavra. Não sosseguei até ir falar com você. Eu tive essa iniciativa e com o tempo você percebeu o quanto minha atitude foi um avanço contra minha timidez. Só o tempo e a sua insistência fez você me conhecer a fundo; e ainda bem que foi assim. Ali no teatro, acho que eu soube disfarçar bem o meu jeito metódico e sistemático de ser e não te assustei à primeira vista. Já você, demonstrou logo no primeiro contato ser exatamente quem é. E foi isso que me encantou! Seu jeito de falar, de mexer no cabelo. Sua voz grossa e doce na medida certa. Seu espírito livre, que me transmitiu paz e vontade de continuar aquela conversa gostosa, sem joguinhos de sedução, sem cantadas, só interesse em me aprofundar mais em você. Só lembro que bruscamente interrompeu a conversa, e pensei rapidamente no que eu poderia ter falado de errado que o fez se afastar. Mas logo eu entendi que era a sua vez de ensaiar. Tirou a roupa tão rapidamente na minha frente e ficou tão diferente naquela calça justa. Seu peito a amostra logo foi coberto por uma blusa de cetim um tanto estranha. Pediu licença e em segundos estava no palco. Eu fiquei ali perplexa. Você, tão alto e forte, um bailarino clássico! Confesso que fiquei ressentida por não saber dançar como ela e aquele era, sem dúvida, o "Pas de deux" mais lindo que já vi.

Eles são namorados — Disse uma voz me cortando o coração.

Que bom para eles. Fazem um casal lindo. — Respondi à menina ao meu lado.

Doeu. Não havia nem meia hora que eu tinha te visto e inexplicavelmente me incomodaram aquelas palavras. Eu pensei que a minha iniciativa tinha sido a mais ousada que já tive em toda a minha vida. O que para muitos era normal, para mim foi um verdadeiro prêmio ter conseguido ir até lá falar com você. Em pensar que tive tanto medo ali; não sabia qual seria a sua reação. Receio da rejeição ou de você me responder com poucas palavras, bem monossilábico, e claro que não foi nada disso. Você foi incrível! Formidável como sempre. Me fez vencer literalmente uma barreira ali. Mas logo fui despertada do início de um sonho. Peguei minha mochila e fui para casa no meio da sua apresentação. Não era muito adepta às redes sociais, mas foi impossível não te procurar no Instagram. Ver suas fotos maravilhosas, estilo tumblr, só me deixou mais confusa sobre o que a menina disse a respeito do seu relacionamento. Afinal, havia fotos sozinho na mesma proporção das fotos acompanhado. Sendo que não eram só por uma menina e sim por várias.

Eu segui e enviei uma curta mensagem. Minutos depois, você me respondeu. Honestamente, eu queria poder voltar nesse dia, faria tudo novamente! Na verdade, se eu soubesse a pessoa maravilhosa que estava prestes a entrar na minha vida, com toda certeza teria mergulhado de olhos vendados na nossa história. Desculpa por não ter sido assim! Queria ter acompanhado o seu ritmo. Queria poder ter me aprofundado em você. O desejo foi esse, mas sua intensidade me assustou. Tão cheio de si, tão sagaz, que me senti atrasada no seu mundo. Um mundo só seu, Igor. Cada hora em um lugar diferente, uma viagem diferente. Tão comprometido com o trabalho, quanto com o viver a vida. E eu com medo dela…

Seu mundo me assustou! Me senti muito aquém de você, despreparada para te acompanhar. Eu tentei, mas tentei do meu jeito. Bem superficial, não da forma que você merecia. Francamente, senti que você precisava de alguém melhor que eu, uma mulher mais parecida com você!

Hoje eu me sentei naquela estação de trem e fiquei ali vendo o sol como fazíamos quando íamos juntos para o trabalho, em direção ao centro do Rio. Quando dei por mim estava cantando a sua música preferida do Cazuza em voz alta "É que eu preciso dizer que eu te amo". É claro que só conseguia pensar no seu timbre de voz afinado e perfeito cantando para mim enquanto acariciava meus cabelos e massageava minha cabeça recostada sobre seu peito. Lembranças de momentos só nossos, detalhes que fizeram toda a diferença em nosso relacionamento conturbado. Só queria que soubesse que não paro de pensar em você e que sempre será o grande amor da minha vida e isso nunca mudará! Eu escolhi não viver mais isso, pois tive medo. Não entendia sua falta de vontade de assumir algo sério entre nós, misturado ao esforço que eu precisava fazer para acompanhar você. Hoje eu sei que é tarde demais para voltar atrás, mas eu juro que se eu pudesse eu mudaria as minhas decisões por você. Afinal, você foi a melhor parte de mim, quem me despertou para a vida, quem me fez apreciá-la. Hoje eu sou outra pessoa e continuo em fase de mudança. Pena que não está mais aqui para ver. Droga, Igor! Por que foi embora assim? Não é justo! Tanta gente ruim. Por que Deus quis me tirar você? Eu já entrei nessa estação outras vezes, mas ainda não consegui entrar no trem. São lembranças demais para minha cabeça. Fiquei enfurecida com você durante muito tempo por não me contar da sua doença. Eu merecia saber! Acha que me protegeu da dor? Não! Eu apenas estou aprendendo a conviver com ela. E tento entender todos os dias seu desapego também. Sei que foi uma forma de me poupar. Mas sinceramente, o que achou? Pensou que eu não ia me apaixonar apenas porque não assumimos

um namoro? Francamente, eu te culpo por não me participar dos seus momentos ruins. Como eu não percebi isso tudo? Me sinto uma idiota por não me atentar a esses detalhes. Quantas vezes o vi passar mal e você sempre com suas desculpas. Acontece que eu o coloquei em um outro patamar. Eu o via tão cheio, cheio de vida que não percebi que estava me deixando. Não foi nada justo comigo! Eu merecia saber! E tudo o que vivemos, pele, sentimento, cuidado, carinhos sem fim… Sorte a minha que não quis me poupar disso também, pois foram os melhores meses da minha vida. Só queria uma única oportunidade de ver você novamente. Eu peço a Deus todos os dias para que ele permita que você saiba que eu te amo e que consiga ver o que você fez em mim… Sua Bia.

MARILENE MORAES

Escritora, professora, pós-graduada em Educação Especial na perspectiva da inclusão. Trabalhou por várias décadas lecionando para crianças, jovens e adultos. Sempre foi amante de bons livros e da dramaturgia. É uma escritora contemporânea que se redescobriu na poesia e na arte de escrever. Possui o dom de contar histórias de forma leve e descontraída, além de emocionar o leitor com finais surpreendentes. Seus romances são atemporais.

MICROCONTO 2..... 074

MICROCONTO 2

Ele trabalhava numa oficina que recuperava bicicletas, com apenas 10 anos de idade, passava as manhãs desempenando calhas e raios que foram retirados das bicicletas quebradas que os clientes traziam na esperança de ter seus veículos de volta consertados, o que nem sempre acontecia. O Faustino e eu, estudávamos na mesma escola no período da tarde, ele sempre foi reservado, falava pouco ou quase nunca falava, eu era a única amiga daquele garoto esquisito, era assim que ele era conhecido na escola, até os professores o tratavam com indiferença.

Lembro perfeitamente de uma tarde de junho em que estávamos ajudando a montar o arraial, junho é um mês bastante movimentado no vilarejo onde morávamos, as Festas Juninas aconteciam com muitas celebrações, o arraial era montado na pracinha em frente à única igreja que havia no lugar, as crianças, jovens, adultos e idosos, aproveitavam para dançar quadrilha, beber e saborear as comidas típicas do lugar: peixe frito, arroz de cuxá, manuê, mingau de milho, vatapá,...

Enquanto uns esticavam o varal repleto de bandeirinhas coloridas, outros concluíam a coberta das barracas utilizando palhas extraídas das palmeiras de babaçu. As crianças menores aproveitavam para estourar bombinhas, o Faustino sentia-se incomodado com o barulho causado com o estouro das tais bombinhas, falava baixinho próximo ao meu ouvido:

— Odeio essas bombinhas! Parece que estão explodindo os miolos dentro da minha cabeça.

— Deixa de implicar seu bobo! Daqui a pouco a gente vai se divertir também. Eu sempre tentava acalmar meu amigo, os colegas até diziam que eu era o guarda costas daquele garoto

esquisito, eu não sei explicar, mas havia alguma coisa me fazia sentir vontade de estar por perto, de cuidar, proteger...

Naquele dia, o Faustino estava diferente, agia como se procurasse por algo ou alguém, quando terminamos a arrumação do arraial, ele pegou a bicicleta e nem se despediu de mim como de costume, estranhei mais ainda o comportamento do meu amigo, pensei que o motivo fosse o estouro das bombinhas, pois ele se mostrou realmente aborrecido.

Anoiteceu e o arraial estava lindo e animado, as bandeirinhas tremulavam com do vento suave da noite, as fagulhas soltas pelas labaredas da fogueira que queimava no centro do arraial deixava o cenário encantador, percorri o local com os olhos procurando por ele, não o encontrei, meu amigo não viera me fazer companhia, como ele pode fazer essa desfeita? Combinamos de pular fogueira, brincar na roda gigante e de comer algodão doce, ele até prometeu que me daria uma maçã do amor.

As horas se passavam lentamente, contei os minutos e até os segundos, na esperança de que ele aparecesse com aquele olhar carrancudo que só ele tinha, mas ele não apareceu. Cansada de esperar tomei uma decisão, iria até a casa dele, não gostei nem um pouco do que ele fez, onde já se viu? Me deixar esperando com cara de boba!

Saí em silêncio, me dirigi ao final da Avenida Principal onde começava uma rua estreita, era mais uma estrada de terra, ali naquela rua, as casas eram afastadas umas das outras e não havia iluminação pública, somente a luz da Lua e das estrelas iluminavam o caminho que eu percorria para chegar até a casa do Faustino.

Enquanto caminhava, eu mantinha os olhos fixos no céu, pois sempre fui apaixonada pelo brilho da Lua e das estrelas, e especialmente aquela era uma linda noite enluarada. De repente ouvi o piado de uma coruja que sobrevoou acima da minha cabeça, senti um arrepio, não sei se foi de medo ou de frio, levei as

mãos aos ombros posicionando-as em forma de um abraço, apressei os passos, a casa onde o Faustino morava ficava no final da rua, uma lembrança repentina me veio à mente, aquela rua não tinha saída, se fosse preciso correr e voltar por outro caminho, esse caminho não existia, o fim da linha era exatamente onde estava localizada a casa do meu amigo.

Outra lembrança não muito agradável me fez sentir aquele arrepio novamente, eu já estivera uma vez naquele lugar, fui saber por que ele, meu amigo, não estava indo à escola, fui recebida pelo padrasto dele com um certo tom de hostilidade na voz e nos gestos bruscos. Lembro que ele, o Faustino apareceu com uma marca roxa no olho esquerdo e nas costas, segurou o meu braço com força e me arrastou dali como se estivesse fugindo de algo pavoroso, perguntei o que havia acontecido para que faltasse tantos dias na escola, ele não quis me contar e não me disse como é que arrumou as benditas marcas roxas, eu também não insisti, ele era capaz de se afastar de mim.

A visão que tive da casa logo ali à minha frente, me trouxe de volta ao presente, avistei a casa de sapê, na frente da casa havia uma fogueira que fora acesa algumas horas antes, pois restava apenas algumas brasas acesas e cinzas da madeira que fora queimada, me aproximei e, aquele arrepio novamente, agora mais forte, ouvi gemidos, um choro baixinho e soluços, me enchi de coragem, empurrei a porta que encontrava-se apenas encostada, a cena que eu vi me deixou paralisada, eu não conseguia me mover, a voz não saía, eu conseguia apenas olhar meu amigo, de apenas dez anos de idade, uma criança indefesa, sentado no chão com o corpo de uma jovem de apenas 17 anos ensanguentado, havia sangue por todo o cômodo, no chão, nas paredes, dando sinais nítidos de que houve uma luta corporal violenta.

A mãe do Faustino chorava baixinho ao lado do corpo da filha estendido no chão, a cabeça estava apoiada no colo dele, seu irmão, que tantas vezes tentara protegê-la, agora não restava mais

nada a ser feito, ele apenas afagava o rosto desfigurado e sem vida da irmã mais velha. Passados os primeiros instantes de pavor que estive paralisada, consegui me aproximar, agachei-me ao lado daquele quadro triste de dor e desespero, abracei meu amigo e chorei tentando amenizar um pouco a dor que ele sentia.

Alguns minutos se passaram, não me recordo quantos, o Faustino segurou a cabeça da irmã como se estivesse com uma peça do mais precioso cristal em suas mãos, depositou-a no chão e se levantou, secou as lágrimas que escorriam pelo rosto, ajudou a mãe a levantar-se e falou com firmeza:

— Faça companhia à minha mãe, preciso pedir ajuda para sepultar a minha irmã, talvez o padre Maurício possa me ajudar. Falou com uma certa frieza na voz, aquela fisionomia de dor desapareceu para dar lugar à uma frieza que me causou novamente aquele bendito arrepio. Passou as mãos na camisa na tentativa de se livrar do sangue que havia nelas, pegou a bicicleta que estava encostada num canto, na parede da sala, e saiu nos deixando ali, eu, sua mãe e o cadáver da irmã.

Eu tentei conversar com a mãe de meu amigo, na tentativa de que ela confirmasse o que eu já suspeitava, o autor daquela tragédia fora o marido dela, padrasto dos seus filhos, mas foi em vão, ela não pronunciou uma palavra sequer, depois que o Faustino saiu, ela dirigiu-se à porta da cozinha, retornou trazendo um recipiente com água e alguns pedaços de pano que pareciam ser toalhas, deu início à uma espécie de ritual, entoando uma canção enquanto mergulhava uma das toalhas na água; para em seguida, tocar suavemente o corpo despido da filha. A cena, a canção, tudo ali era infinitamente triste, eu sentia uma profunda dor, acho que doía minh'alma, não sei dizer exatamente quanto tempo durou o ritual de limpeza que a mãe da jovem realizou, sei apenas que quando o Faustino voltou em companhia do padre

Maurício e de outras pessoas, inclusive do delegado, o corpo da jovem encontrava-se limpo e arrumado, a mãe escolheu um vestido branco salpicado de pequenas flores coloridas, penteou os cabelos da jovem e colocou uma tiara que também continha flores coloridas, a jovem parecia uma princesa que dormia um sono tranquilo.

O delegado conduziu a mãe da jovem para um lugar onde pudessem conversar sem a presença de curiosos, as pessoas não paravam de chegar, a notícia se espalhou pelo vilarejo, todos chegavam fazendo perguntas, querendo saber o que acontecera ali, muitos comentários, especulações, julgamentos, e nenhuma explicação, nada justifica um ser humano tirar a vida de outro.

No dia seguinte, praticamente todo o vilarejo acompanhou o cortejo até o único cemitério que havia por aquelas bandas, as pessoas caminhavam em silêncio, o Faustino não soltou a mão da mãe nem por um segundo, esteve durante todo o tempo a seu lado, amparando, consolando, comportamento admirável e nada comum para uma criança de apenas 10 anos de idade, comportava-se como um adulto forte e corajoso, mas eu sabia que ele estava sofrendo muito, a dor transformou o semblante de criança naquele semblante adulto, frio, sem nenhuma demonstração de sentimento que não fosse de tristeza e sofrimento. Eu, de vez em quando, tentava demonstrar a minha solidariedade e carinho, procurava a mão do Faustino, queria segurar a sua mão e dizer: — Estou aqui, não fique triste. Mas, era impossível! A tristeza estava estampada no meu rosto, e ele não permitia que eu tocasse a sua mão, o que me deixou mais triste ainda.

Terminado o cortejo e realizado o sepultamento, a multidão, aos poucos foi sendo desfeita, muitas pessoas tomaram o rumo de casa, algumas faladeiras, ainda permaneceram especulando e fazendo suposições. Eu bem que gostaria de acompanhar o meu amigo e sua mãe, mas os meus pais não permitiram, me levaram para casa embaixo de protestos da minha

parte, até uns puxões nas orelhas eu ganhei por conta de minha insistência.

Passaram-se os dias, eu esperava ansiosa, que o Faustino desses sinais de vida, na pequena cidade, não se falava em outra coisa, a morte da jovem era o assunto preferido, principalmente dos desocupados expert em julgar o comportamento uns dos outros. Infelizmente, encerrou-se o primeiro semestre, não iria mais ver meu amigo na escola, uma coragem súbita tomou conta de mim, novamente decidi ir até a casa do Faustino, antes passaria na oficina de bicicletas para ver se ele deu as caras por lá, com um pouco de sorte, eu não precisaria voltar ao lugar daquela cena de terror que eu presenciei.

Já estava escurecendo, o Sol se escondia preguiçoso e majestoso entre as montanhas, sim, a pequena cidade de Pedreiras, no Maranhão, é situada numa região de Planalto, mas especificamente, numa região montanhosa, a cidade fora construída num pequeno vale, o acesso às cidades mais próximas era bem difícil.

Eu sempre me senti fascinada pelos espetáculos da Natureza, uma noite de luar, para mim é pura magia, o pôr do Sol, é de uma beleza sem igual, eu estava tão fascinada com o pôr do Sol que não percebi alguém se aproximando, eu não estava mais sozinha naquela rua deserta e mal iluminada, de repente, aquele bendito arrepio, apressei os passos na esperança de encontrar uma pessoa conhecida, não tive coragem de olhar para trás, mas eu tinha certeza, alguém, ou alguma coisa, estava me seguindo, senti um toque em meu ombro, o bendito arrepio, paralisei, então ouvi aquela voz que eu reconheceria em qualquer que fosse a circunstância:

— Onde a senhorita pensa que vai sozinha à essa hora?

Me virei num salto, meus olhos não acreditavam no que estavam vendo, era o Faustino, o meu amigo Faustino!

— Você quer me matar de susto seu desgramado? A sorte é que eu estava morrendo de vontade de te ver, se não fosse isso, você ia levar o maior soco aí nessa sua cara... Parei de falar, a cara do Faustino era de tristeza, ele não esboçou nem uma reação diante do meu gracejo, ai que vontade que eu senti de dar um abraço naquele que sempre foi o meu melhor amigo. Eu até tentei, cheguei mais perto, mas ele se afastou, e foi falando:

— Eu vim só me despedi de você, hoje mesmo eu vou embora dessa cidade.

Eu fiquei mais assustada ainda, perguntei por que ele estava indo embora e para onde iria, e o que seria da mãe dele, do padrasto do Faustino, ninguém nunca mais soube o paradeiro, nem o que aconteceu exatamente naquela noite. O Faustino não quis me dar muitas explicações, contou apenas que a mãe dele ficaria bem, que uma irmã dela viera morar com eles, então quando ele fosse embora, ela teria a companhia da irmã. Caminhamos de volta, chegamos à praça, agora já era noite, sentamo-nos num banquinho embaixo de uma mangueira, era o nosso banquinho, sempre nos sentávamos ali para conversar. Foi a última vez que eu vi o meu amigo, depois de alguns minutos sentados ali, pouco falamos, ele estava mais quieto do que de costume, levantou-se, foi até uma barraquinha onde a gente costumava comprar balinhas e outros tipos de guloseimas, ele voltou com uma maçã do amor, me olhou com aqueles olhos tristes, mas cheinhos de carinho e falou:

— É a maçã do amor que prometi a você, pensou que eu tinha esquecido, né?

Foi a primeira vez que o Faustino chegou tão pertinho de mim, me entregou a maçã, me deu um beijo na bochecha e saiu correndo. Eu fiquei ali, com ar meio abobalhado, com a maçã do amor na mão, dei uma mordida e fui para casa, não comi a maçã, dei somente uma mordida, chegando em casa coloquei a maçã em um recipiente e me deitei.

No dia seguinte acordei com a vos dá minha mãe bastante alterada, ela e o meu pai estavam conversando sobre o Faustino, levantei-me e fui até a sala, eles pareciam assustados, confesso que eu também fiquei bastante assustada depois de ouvir a conversa entre eles:

— Eu custo a acreditar que uma criança tenha feito aquela barbaridade. Meu pai falava enquanto a minha mãe acenava com a cabeça confirmando o que meu pai dizia.

— Ele sempre pareceu ser uma criança inofensiva, fazer o que ele fez, uma criança inofensiva, jamais faria, é um verdadeiro capeta isso sim! Respondeu minha mãe. O coitado do homem foi encontrado todo retalhado, parecendo que foi um açougueiro que fez o serviço. O delegado falou que não sabe do paradeiro do enteado do infeliz, ele só sabe que nos últimos dias, ele andava rondando a cidade, parece que estava querendo se encontrar com a mulher dele, mas, o enteado que já estava de olho nele, ficou caladinho, à espreita, só esperando de tocaia! Foi o homem dar as caras, para ser abatido que nem um boi bravo é abatido no matadouro.

Há quem diga, que viu o Faustino indo em direção à velha estrada, ele caminhava calmamente, como se nada tivesse acontecido, levava apenas uma mochila nas costas e aquela velha faca que ele conservava na bainha de couro, presa ao cinto que ajudava a segurar suas calças velhas e desbotadas. E quem o viu

passar, ainda diz que ele assobiava que nem bentivi comemorando a chegada da chuva no verão. Foi o que eu ouvi meu pai dizer.

HILTON NOGUEIRA

Hilton Oliveira Nogueira da Silva, baiano de Ilhéus. Estudante da Universidade Federal do Sul da Bahia no curso de Linguagens. Começou sua paixão por poesias desde o ensino médio e dali não parou mais de escrever. É apaixonado por poesias marginais, usando da mesma para fazer suas críticas sociais.

ÀS 4 HORAS..... 084
O GESTO..... 085
SERÁ!..... 086

ÀS 4 HORAS

Às 4 da manhã é quando tudo parece estar em paz...

Mas nas favelas, é o horário mais triste.

Às vezes se escuta gritos, gemidos, lamentos de um povo pobre e esquecido.

São mães que choram sobre os corpos dos seus filhos.

Até quando eu terei que chorar? Elas se perguntam com frequência.

Por falta de oportunidade meus filhos entraram nesse mundo.

Nessa sociedade racista, eles são rejeitados, humilhados, oprimidos...

Mas eu tenho fé, no meu Deus, e no meu axé, dias melhores virão para os nossos filhos pretos.

Seremos revolução, resistência contra a opressão, e aí meu coração no qual tanto sofre, e é esmagado pela dor, sentirá um pouco de alegria ao ver tal progresso.

O GESTO

Já era manhã, ele se levantou, tinha que ir trabalhar, pois sua família dependia dele.

Se arrumou, e seguiu em direção à avenida que naquele horário já estava lotada de gente.

Juntou-se a multidão, estava distraído quando o celular vibrou.

Parou em frente a uma loja, a multidão apressada não dava espaço, tentou se esquivar dos empurrões entrando um pouco na loja, ao mesmo tempo tentava pegar o celular que vibrava sem parar em sua cintura, tinha colocado ali pois tinha medo de ser roubado.

Os trombadinhas aproveitavam a avenida cheia, enfiavam as mãos nos bolsos dos pedestres e roubavam tudo que tivesse neles.

Estava quase conseguindo pegar o celular. Um simples gesto e...

Dois tiros dados em suas costas, o fez cair.

Enquanto em casa, sua mulher e filho, esperam sentados a mesa para então começar a refeição.

SERÁ!

Será até quando poderei dormir em paz?
Será até quando não serei alvo?
Será até quantos irão morrer para sermos lembrados?
Será até quando eu serei discriminado?
Será até quando teremos que lutar?
Será até quando a justiça não irá falhar?
Será até quando o Estado vai estar no poder?
Será até quando a igualdade e o amor não irão prevalecer?
Será? São essas perguntas que todos os dias fazemos,
São lágrimas de um povo que pede e clama sustento,
Mas de certeza sabemos, não iremos deixar de lutar, com as força de Zumbi, Dandara e de nossos guerreiros. Sou preto do progresso em busca dos seus direitos.

JOÃO PEDRO

Sou o João Pedro, tenho 27 anos de idade, brasileiro, nascido na cidade de São José dos Campos-SP. Casado com Julia Castro, formado em administração de empresa e trabalha atualmente na General Motors, com uma obra em produção de espiritualidade contemporânea cristã com o tema - clamores do cotidiano - reflexões poéticas de uma fé ordinária pela editora saber criativo.

DIGNIDADE 088
BRADO 090
COTIDIANO 092

DIGNIDADE

Vivo a vida tentando perceber os ventos que sopram. Tem gente que vive em tempestades constantes, com a coragem de velejar entre as ondas, sem o medo do naufrágio. Vivo sob o imperativo: "Não temas! Sou contigo!".

Não curvo a cabeça diante do medo sendo medroso. Reconheço minhas fragilidades hoje, pois, já tentei me esconder atrás da máscara da força, que me conduzia ereto como em pernas de pau.

Desajeitado tentava manejar o andar, para não perder o equilíbrio. Grande esforço empenhado para manter um ser que parece, mas não é. Percebi que faltava dignidade. É o que carecemos nessa vida. O reconhecimento da fragilidade é o que vivifica um olhar mais solidário para si.

Despretensioso. Cuido do solo da vida cultivando a beleza frágil da vulnerabilidade. Percebo que não me basto, sou inacabado. Vejo a sustentação ilusória das lógicas curriculares: a exaltação das competências, sem ao menos saber das fraquezas.

Diante delas todos se engasgam. Não consigo me encontrar nessa "lógica operandi" do mundo. Questiono com Fernando Pessoa: "Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?".

Tento caminhar restabelecendo a dignidade, que não repousa nos alicerces da força, antes na fragilidade escondida e rejeitada por uma multidão condicionada a aparência. Prefiro a rejeição sob o estigma do fragilizado e ferido do qual o mundo não é digno, do que uma aceitação cega que abraça as lógicas desse mundo com o medo de perder seu espaço.

Prefiro o abandono da cruz com Cristo onde me assemelho com os sofredores, do que me assentar no banquete da

insensibilidade, indiferente com as dores do mundo no palácio dos vencedores.

Dignidade não tem a ver com poder, antes com sensibilidade para direcionar perguntas para aqueles e aquelas que foram calados no mundo: "o que queres que eu te faça?". Vivo tentando reeducar meus olhos, para que eles não sejam seduzidos pela indiferença.

BRADO

Silencio-me tentando perceber os tempos. Olho para minha própria história. Tantos fracassos amargurei, mas com a sensatez de não atribuir isso a minha própria identidade.

Lágrimas incontidas escorrem pelo rosto. Dúvidas pulsam no meu coração ante a face nebulosa da vida. Injustiças sistêmicas apertam meu peito vez após outra. Luto contra a resignação. Brado para mim mesmo: a vida é mais que isso!

Olho-me no espelho com a coragem de dizer que errei. Eu me omiti e me escondi. Tive medo. Sou frágil. Vulnerável. Resoluto, enxergo dentro de minha própria existência inacabada, um ponto de consolo.

Ouço aquela voz: Vem e segue-me. Questiono: desse jeito mesmo? Vejo braços abertos. Parece não esperar de mim, nada além do que sou. Na face de Jesus vejo um Deus escandaloso. Divinamente humano. Caminhante. Acolhedor. Sofredor.

Que não mede esforços para restaurar a dignidade, que perdemos frente às experiências amargas que a vida nos trouxe. Sem pressa, se submete ao tempo sem medo de perdê-lo. Conhece o vazio do abandono e o dissabor da solidão.

Sabe da urgência de um viver amoroso em meio a uma humanidade indiferente, que vive de simulacros. Seus olhos renovam o brio dentro da gente. A vida é feita de recomeços e reconstruções.

Fracassei em ser competitivo para o Mercado. Quero a beleza despretensiosa que me conduz servil, cooperando para uma habitação mais solidária. Derrotado diante de minhas incapacidades, coleciono as despedidas e as palavras de gratidão.

É melhor a realidade com suas intempéries, do que as ilusões que me tiram do chão onde a vida acontece. Prefiro as incertezas diante de uma vida que se mostra desafiadora, do que a

esterilização que me deixa inerte. Me uno a Nietzsche *"é preciso um pouco de caos em si mesmo para poder dar a luz a estrelas dançantes"*.

Creio no Criador que me conduz a despeito de todo caos. Ainda que diante de mim a vida se mostrar tempestuosa, quero adormecer, mas esperançoso para acordar com a coragem de bradar aos mares, sendo redimido conforme sua imagem.

COTIDIANO

Tem dias que o cansaço bate e a vida parece pesar. Ser humano é também descobrir quando o limite chegou. O fastio encobre o cotidiano e os dias são inundados do monótono.

Parece que chegam os dias em que a inutilidade bate na porta e não vai embora. A culpa chega de forma repentina como companhia. Passamos a acreditar que a vida é fruto de meritocracia.

Falta-nos perguntas. Questionamentos honestos. Sinceros. A vida nos consome em excesso. Uma extensão mercadológica. Sentimos que perdemos o valor pela produtividade em baixa. Nosso ser adoece frente às imagens construídas de um produto, que gradativamente perde a validade.

É necessário resistência contra as produções exageradas. Vendidas como triunfos do status. Da boa imagem. Que celebra o reconhecimento, escondendo os maus tratos. Consigo mesmo. Com a criação. Com a própria forma de ser civilização.

Dessa produtividade endeusada até o ócio não escapou. Transformou-se em criativo. Olhe bem o que se tornou o cotidiano? Uma correria desumana. Insana. Insensível. Lembro da pergunta de Jesus que ecoa: *"Qual de vocês, por mais preocupado que esteja, pode acrescentar ao menos uma hora à sua vida?"*.

Diante das propostas sedutoras que prometem mundos sonhados, quero perceber as belezas esquecidas. Resgatar paladares. Ter memórias afetivas ativas. Quero (re)educar meus olhares renovando meus sentidos. Fazer do cotidiano nosso de cada dia uma oportunidade de inutilidade que me faça (re)significar a vida recuperando o cheiro do café perdido.

KELLY CASTRO

Kelly Castro nasceu em 1996, em Paramoti, Ceará. Em 2019 graduou-se em fisioterapia, onde exerce atualmente. Sua história na escrita iniciou-se a partir de inspirações advindas de amigos escritores, fazendo-a interessar-se e adentrar ao mundo da arte de escrever. No ano de 2020 criou a página @notasaversos como forma de expressar seus sentimentos e vivencias, e é a essa experiência que ela atribui a sua habilidade e prazer em escrever.

ATREVA-SE 094
TÃO LEVE, TÃO LINDA, TÃO SUA 095
RENDO-ME 096

ATREVA-SE

É tão legal quando a vida nos convida a olhar para dentro, em meio a tantos momentos em que nos encontramos distraídos com tudo que acontece fora.

E quanto mais nos preocupamos com o que acontece fora, mais nos distanciamos das conexões reais, da energia que nos permite viver e impactar positivamente diante do que queremos ter por perto.

Nos reconhecermos em essência, conhecer a essência, se encantar pelos sorrisos de alma: a verdade gira tanto em torno disso.

Olhar com o coração e em direção ao coração.

A capacidade de nos reconstruirmos, de podermos escolher o que nos torna melhores, é tão engrandecedor, nos faz livres. E isso é tão importante de ser lembrado.

O tipo de pessoa que somos, a qualidade do amor que oferecemos a nós mesmos e aos outros é o que importa e o que permanece.

Cultivar o que é bom, o que te transborda e o que mantém sua paz, te ensinará demais sobre os dias felizes.

E sobre esses dias, a verdade está mais clara do que nunca: a vida tem nos convidado a olhar para dentro.

E assim, nada nos distanciará do proposito de simplesmente aprender, a ser mais amor, a ver mais amor, a evoluir, a crescer.

E os olhares brilharão, pois há sim corações lindos de serem desvendados.

Atreva-se.

TÃO LEVE, TÃO LINDA, TÃO SUA

Se aceita garota.

Você é única.

Sua força, suas lutas diárias te constroem e moldam o teu ser para dias futuros.

Teu corpo este que veste tua alma precisa ser notado na maravilha e grandeza que és, em cada detalhe, em cada curva, em cada marca e isso te faz tão especial nesse mundo.

O que seria do arco-íris se não fossem as diversas cores distintas unidas?

Somos infinitamente diferentes em tantos pontos, e isso te torna um ponto de representatividade quando se empondera e se veste de si, de autoamor, de autocuidado.

Tua alma agradece e engrandece, tua liberdade exala deixando fluir que você é linda do jeito que quiser ser.

É linda onde quiser estar.

É linda amando quem quiser amar, e acima de tudo se amando, em todas as suas particularidades e essências.

Afinal, você é a única coisa que não podem tirar de você.

Se refaça quantas vezes necessário, visite seu interior, seu exterior e se depare com a beleza de ser o que és.

E cá pra nós, não há nada mais belo e libertador.

Queria continuar em forma de descrição, porém me perdi nas palavras, é que meus olhos brilham ao te ver assim... tão leve tão linda, tão sua.

RENDO-ME

Ainda tenho pensado em ti.

Ainda tenho te encontrado em imagens, frases, cafés.

Ainda tenho pensado se o teu dia está sendo adorável a ponto de esbanjar teu melhor sorriso.

Ah teu sorriso, ele reveste tua leveza tão bem.

Ainda tenho lembrado dos risos e dos abraços, e se há coisa mais sincera eu deixo que me apresente em alguma outra tarde, em alguma outra conversa.

Só peço que não esqueças, que daqui, hoje, ainda tenho pensado em ti.

Amanhã também pensarei, só não sei se deva vir te falar.

É que de clichês a clichês, não sei em qual nível de escrita estarei.

Mas só pra não deixar passar, já te adianto: tenho pensado em ti todos os dias.

E nem é sobre desfechos ou amores eternos.

É que pessoas com essa tua transparência, seduzem com a alma.

Não há escapatória.

Rendo-me.

GISELE ALVARES

LEMBRANÇAS DE AMOR 098

LEMBRANÇAS DE AMOR

Toc Toc Toc. Silêncio.

Era dia ainda, porém os raios de sol já começavam a dar lugar, gradualmente, à escuridão da noite. Um tom avermelhado brotava no céu, enquanto as nuvens tingiam-se de lilás ao aproximarem-se da lua. Uma leve brisa soprava no ar, mas não era o suficiente para provocar frio. Uma tarde calma e agradável.

Seleno estava sentado em uma cadeira desconfortável de madeira, trajando seu batido chiton de lã crua, olhando pela janela de sua humilde moradia de pastor os campos vazios e os morros longínquos. Não que estivesse prestando muita atenção a eles: estava assim desde que voltara do trabalho de recolher seu rebanho de ovelhas; nem sentia fome, apenas perdia-se em seus tão comuns pensamentos sobre Argira. O que será que ela estaria fazendo agora? Estaria a bela apaixonada por outro? Eram essas e muitas outras indagações que invadiam seus pensamentos diariamente, sempre desacompanhadas de respostas. Naquele dia, em especial naquele momento, estavam mais fortes que nunca, quando ouviu alguém bater na porta.

Correu a atender a visita, repleto de esperanças, ansiando que fosse sua amada. Fazia tantos anos que não a via! Desde que ele ficara velho, a ninfa parou de visitá-lo. Jurara-o amor eterno, e quando Seleno perdeu sua beleza abandonou-o, como se fosse um objeto sem utilidade. Mas talvez, sim! Talvez ela tivesse se arrependido e voltado para ele. Era tudo o que o pastor pensava, dia e noite. Era por isso que ainda vivia. Que decepção, porém, ao atender a porta! Não era sua bela ninfa que vinha vê-lo, e sim uma andarilha desconhecida.

— Você poderia dar abrigo, por uma noite, a uma viajante? — perguntou a menina, com voz e sorriso infantil.

— De onde você vem? — Seleno olhou-a desconfiado, erguendo uma sobrancelha.

— Venho do Egito.

Uma estrangeira! Como ousava pedir abrigo a um grego? Uma egípcia, raça inferior àquela! Porém a moça parecia cansada de morte e faminta até a alma. Não havia como recusar-lhe tal pedido tão sincero, ainda mais quando parecia haver... Como definir? Algo de mágico naquela garota, como uma aura enigmática que agia na mente das pessoas.

— Entre — respondeu contrafeito o pastor, dando passagem para o interior da casa — tenho pouco a oferecer.

— Não tem problema, estou com muita fome.

Seleno indicou a cadeira em que estava sentado e serviu a estranha de pão e um copo de leite, que foi logo ingerido pela moça. Enquanto ela comia ferozmente, o pastor encostou-se na parede de braços cruzados e passou a observá-la: pele branca como as espumas do mar, os cabelos de um tom escuro de trigo, como um dourado sóbrio, e os olhos... Verdes olhos! Profundos, grandes, como duas pedras esmeraldas. Muito certamente a garota fosse mesmo descendente de gregos ou macedônios, pois a despeito de ter nascido no Egito, não possuía em nada a fisionomia daquela terra. Assim, o pastor sentiu-se mais à vontade para admitir que era bela a estrangeira, apesar desta não chegar aos pés de sua amada Argira. Pelos deuses, onde ela estaria que não o vinha visitar?

— Qual seu nome, andarilha? — ele perguntou por educação, sem muita vontade de interromper seus pensamentos sobre a ninfa.

— Nyla, e o seu?

— Seleno.

Novo silêncio constrangedor. Por incrível que pareça, a presença de Nyla estava tornando o ambiente incômodo para o pastor. Como quebrar aquela atmosfera que se apoderara do lugar? Talvez se fizesse apenas mais uma pergunta...

— Por que você saiu do Egito e veio para a Grécia?

— Estava fugindo das memórias — ela baixou a cabeça, triste. Seleno pensou mesmo que uma lágrima brotara em seus olhos.

— Memórias? O que uma menina tão nova pode ter passado de tão ruim?

— Memórias da morte de meu esposo — seu rosto anuviou-se, e o sofrimento transfigurou-se na face tão bela de Nyla.

— Eu sinto muito – Seleno disse, sincero. Sentia mesmo pena da garota, porque sabia o que era perder um grande amor — qual era o nome de seu esposo?

— Harion, ele era meu primo — ela olhou para o teto por alguns instantes, parecendo divagar, e por fim continuou — foi tão estranho o modo como nos apaixonamos! Mamãe queria casar-me com ele, mesmo eu não o conhecendo. Claro que repudiei a idéia e briguei com meus pais, afinal eles não tinham o direito de interferir em minha vida daquela forma! Mas na mesma tarde houve uma festa em homenagem à deusa Hator no templo, e ele esbarrou em mim durante uma apresentação da dança das sacerdotisas. Eu o chamei mal-educado, ele xingou-me também. Durante toda aquela tarde de festividades religiosas continuamos a nos encontrar

esporadicamente sem intenção, quando conversávamos por instantes e tornávamos a nos apartar. Eu o achei muito irritante... E atraente. Ele achou-me instigante, creio. No outro dia ocorreu o encontro que minha mãe planejou para que eu conhecesse o meu noivo... Que surpresa agradável ao descobrir que Harion era o moço da festa!

— Diferente mesmo o modo como você veio a conhecer seu marido! Mas diga-me uma coisa: você o amava?

— Mais do que as estrelas no céu — ela falou, como se aquela fosse a verdade mais óbvia — talvez você me compreenda...

— Compreendo. Também já amei muito alguém — talvez fosse melhor que ele não houvesse dito aquilo. Talvez fosse melhor manter Argira como um segredo... Porém palavras não retrocedem quando são ditas.

— Quem é ela? — perguntou inocentemente Nyla.

— Ela é Argira, a ninfa de uma das fontes da região. Tão bela ela é! — Seleno fechou os olhos, como para se lembrar de cada detalhe — Com seus cabelos negros e ondulados e seu corpo quase imaginário de tamanha perfeição. Eu a conheci em uma bela tarde de primavera, quando a relva perto da fonte estava tão florida que mais parecia um mar de rosas. Ah! Sim... Lembro-me de cada detalhe, como se tivesse vivido ontem. Ela estava sentada em uma pedra, nua, penteando os cabelos. Acho que nunca vou me esquecer a forma como meu coração palpitou naquele momento, tão pequeno e tão intenso. Argira, então, sorriu para mim de uma forma inocente que me fez apaixonar. Desde aquele dia em diante, ela passou a vir visitar-me a cada final de tarde, quando eu abandonava o trabalho com o rebanho e ia deitar-me com ela na relva perto da fonte. Ficávamos assim boa parte da noite, conversando sobre o futuro e ouvindo o barulho das águas que caíam; ela encostada em meu ombro, enquanto eu acariciava sua pele macia. Depois Argira dormia em meus braços, e quando

amanhecia já havia desaparecido, porém eu não tinha medo: voltava para casa com a certeza de que no outro dia veria ela de novo.

— Que linda história — a andarilha tinha os olhos brilhando de emoção ao ouvir a narrativa — você deve ter sido muito feliz ao lado dela!

— Sim, Nyla. Fui um homem muito feliz, mas infelizmente sonhos acabam — ele falou com mágoa.

— O que acabou com seu sonho?

— Ela fugiu de mim quando perdi minha beleza e juventude.

Nyla deu um salto para trás, surpresa. Em suas poucas experiências acumuladas, nunca pensou que o amor podia acabar por motivo tão mesquinho. Indagações brotaram em seu puro coração, então: quais outras falhas do caráter de um ser poderiam macular com veneno o sentimento mais nobre que alguém poderia sentir? Será que, se a morte não houvesse roubado o direito de viver de Harion, seu amor também teria esfriado por razão igualmente inaceitável? Não! A garota egípcia não podia acreditar nisso... Mais do que descrença, sua intuição aguçada lhe avisava da sinceridade do romance que vivera.

— Pelos deuses! Mas um dia ela pode voltar, não é mesmo? — falou, enquanto sua mente borbulhava.

— Não creio — ele olhou pela janela ao mesmo tempo em que falava. A noite caía rápida sobre a terra lá fora, e algumas estrelas já brilhavam no céu.

Era a primeira vez que lhe faziam tal questionamento. Até aquele momento Seleno pensou que ainda tinha esperanças, mas não mais: agora ele havia percebido que, no fundo de seu coração, sempre soube que a ninfa não voltaria. Ele sabia que tudo o que

teria, até o fim de sua vida, seriam doces lembranças de um passado feliz, as quais assombravam seu presente deprimente. Tudo isso aconteceu tão rápido nos pensamentos do homem! Em um momento ainda vivia com a ilusão de que Argira voltaria, e no outro uma andarilha desconhecida ajuda-o a perceber que tudo o que ele desejou durante anos em sua vida era um palácio de areia, que desmoronou por inteiro com a mais leve brisa, deixando um vazio tão avassalador que ele quase não suportou. Foi então que Seleno olhou para o rostinho misericordioso de Nyla e sorriu. Sim! De um certo modo, ele devia agradecê-la. Agora ele finalmente sabia do que precisava.

— Pensando em Argira? — perguntou a andarilha, percebendo o momento de reflexão do pastor.

— Sim, a última vez que me lembro dela — talvez ele ainda não soubesse a força que as palavras têm!

— O que você diria a Argira, se ela se encontrasse à sua frente agora? — perguntou Nyla, inclinando-se para frente e erguendo os olhos, a fim de penetrar no espelho da alma do pastor.

Diante daquele olhar tão passional e da pergunta repentina, Seleno gelou.

— Acho... — ele começou em voz insegura, olhando através da janela os campos que agora se tornaram escuros, sombras fantasmagóricas do que durante o dia era um pasto belo e imponente. Talvez os prados o ajudassem a encontrar a resposta adequada! Todavia ele sabia, nada o que ele dissesse estaria certo — Acho que diria o quanto ela foi importante para mim, mas agora sei que não o deve ser — estava nervoso com sua própria frustração. Argira não se importaria em saber o quanto tinha significado na vida de Seleno! E, no entanto, ele tinha uma sede

imensa de dizê-lo. A frustração ameaçava devorá-lo, despedaçá-lo até deixar-lhe caído no chão, de joelhos como um pedinte, para nunca mais se levantar. Que aquele sofrimento acabasse rápido.

— Seleno... — Nyla disse em tom carinhoso, levantando-se e pondo a mão em seu ombro em um gesto de compreensão — nada é tão imperfeito que não haja solução — seu tom era otimista, escondendo uma esperança incondicional.

— Eu sei, Nyla... Sei bem qual é a solução para este caso de amor — falou com um brilho nos olhos que não deixava esconder a sua determinação. O homem, todavia, estava esgotado daquele assunto, não queria mais ouvir falar no nome da ninfa... Não naquela noite, nem nas próximas. Tudo o que queria era que sua memória fosse passada a limpo, transformada de pergaminho em palimpsesto. Se tudo desse certo, seu desejo seria realizado dali a alguns minutos — Você pode dormir neste aposento. A palha é desconfortável, mas garanto que é melhor que a relva sob o sereno.

— Certo que sim. Bem, boa noite Seleno.

— Boa noite, Nyla.

O pastor observou-a deitar-se então se retirou, tateando as paredes da casa para encontrar a porta de seu aposento, afinal a noite já havia caído e o escuro dominava o ambiente.

No dia seguinte, Nyla acordou com os raios de sol batendo em seu rosto através da janela. No princípio não se lembrava que casa era aquela, mas lentamente foi assimilando na memória a conversa da noite anterior com o velho pastor e seu relato sobre o amor não correspondido pela ninfa da fonte. A egípcia sentiu carinho por Seleno e identificou-se com seu tormento de tal forma que, se pudesse, iria atrás dessa Argira a fim de pedir que voltasse para o homem! Sim, era isso o que faria aquela tarde... Já que não podia ter quem amava, pelo menos ajudaria alguém a alcançar esta felicidade.

Levantou-se, então, e foi procurar por Seleno. Quando chegou à entrada de seu quarto, contudo, percebeu que esta estava fechada, levando-a a presumir que o homem ainda estivesse dormindo. Assim, a andarilha bateu três vezes na porta, pensando que com o barulho o pastor acordaria, porém nada aconteceu. Ela continuou repetindo sua ação, mas o pastor parecia estar em um sono muito profundo, pois o sol já estava alto no céu e ele simplesmente não saía do aposento.

De repente, no entanto, Nyla ouve um barulho na entrada da casa, o que a fez ir imediatamente conferir do que se tratava. Uma mulher belíssima, de longos cabelos cacheados e pele alva como as nuvens de verão postava-se encostada na porta, olhando Nyla com ar de superioridade. A andarilha ficou sem reação diante de tal aparição por causa da beleza indiscutivelmente divina da moça e da dúvida que surgiu em seu interior: Seria aquela Argira, enfim, que voltava para Seleno?

— Não esperava encontrá-la por aqui, Nyla — disse a mulher, levantando uma sobrancelha.

— Você me conhece? — a andarilha assustou-se.

— Sim, e você me conhece também, apesar de não me reconhecer. Sou Afrodite, deusa do amor e da beleza. Você me chama pelo nome de Ísis.

— Pelos deuses! — Nyla murmurou, admirando a beleza do ser divino que estava à sua frente, parecendo reluzir.

— Você está preocupada com Seleno, não é mesmo?

— Há algumas horas eu bato na porta de seu aposento, mas ele nada responde.

— Sinto dizer que Seleno está morto.

— Morto?! — Nyla deu um salto para trás, com os olhos arregalados como mais não poderiam estar — Por quê? Do que ele morreu?

— De desgosto — respondeu a deusa, sem emoção em sua voz — ontem, por sua causa, finalmente ele percebeu que Argira não mais voltará.

— Por minha causa? Por tudo o que é mais sagrado, Afrodite! O que eu fiz?

— Não se amedronte, pequena — Afrodite começou a andar pela casa, observando cada detalhe da construção — isto já estava por acontecer. Mas Seleno caiu em minhas graças, como todo apaixonado. Em homenagem ao seu amor por Argira, então, eu lhe dei um presente.

— Qual presente? — Nyla estava curiosa, observando a deusa andar pela simples casa com seus movimentos graciosos e sedutores, fazendo esvoaçar seu chiton de seda pura.

— Seleno viverá para sempre — Afrodite parou de andar, postando-se diante de Nyla e olhando-a com toda a sinceridade — na forma de um rio, que correrá eternamente até juntar-se com a fonte de sua amada ninfa.

— Então eles estarão sempre juntos!

— Sim, mas ele nada mais sente por ela.

— Como? Por quê? — Nyla indignou-se com aquele comentário e a maneira passiva com que foi dita.

— Seleno já havia passado muita dor por causa de Argira, e sofreria ainda caso eu não lhe tivesse apagado todas as memórias.

Nyla continuava questionando a si mesma se aquilo era bom ou ruim. Estava confusa depois de tantas coisas que haviam acontecido naquele pouco tempo em que conhecera Seleno.

— Se você quiser — Afrodite aproximou-se de Nyla, sussurrando-lhe ao ouvido — você também pode esquecer tudo o que viveu.

— Como?

— É um novo dom de Seleno. Quem banhar-se em suas águas irá esquecer todas as dores causadas pelo amor.

A andarilha confundiu-se mais ainda. E agora, o que seria certo? O que fazer diante de tal proposta? Esquecer tudo o que havia vivido ao lado de Harion ou continuar alimentando suas memórias?

— Não, Afrodite — disse Nyla, por fim — Seleno estará sempre ligado a Argira, mesmo que tenha esquecido de seu amor por ela. Eu, no entanto, nada tenho para ligar-me a Harion, a não ser minhas lembranças. Devo mantê-las, então.

JACQUELINE CORIOLANO

Nasceu em 10 de agosto de 1976, secretária executiva por amor, pós-graduada em gestão de recursos humanos por vocação. Mãe do Daniel e do Miguel, Jacqueline Coriolano sempre admirou o poder que os livros possuem para abrir horizontes, transportando o leitor a novos lugares. Criadora do IG @jackcoriolano, com foco no universo literário, lançou em outubro de 2020 o projeto Romances etc. de incentivo à leitura. Durante seus processos de adoção sentiu a necessidade de escrever. Era o desejo de compartilhar sua experiência com outras mulheres que, como ela, sempre sonharam com a maternidade. De ávida leitora, resolveu em 2020, arriscar-se como escritora. Seu primeiro conto publicado na plataforma Wattpad, Miguel vai à escola, ficou em terceiro lugar no concurso Poucas Palavras, organizado na plataforma, categoria Conto Real. Jacqueline espera que suas histórias toquem as pessoas e, principalmente, incentivem a adoção

O FUTURO A DEUS PERTENCE..... 109

O FUTURO A DEUS PERTENCE

Saiu de casa, naquele dia, sentindo um misto de ansiedade, alegria e orgulho. Era o dia da festa de conclusão do primeiro ciclo do fundamental. A escola estava toda decorada, com flores para todo os lados. A coreografia da apresentação aos pais estava decorada. Quem diria que ele, Rafael, estaria ali, vivendo aquele momento? Fez questão de pedir anel de formatura e tudo a que tinha direito! Não era para menos, ele e sua família comemoravam uma grande vitória.

Moreno gato e de sorriso fácil, Rafael sempre foi aquele tipo "gente boa", que ganha a admiração de todos por onde passa. E olhe que a vida, por muito tempo, não lhe sorriu de volta. Nasceu numa comunidade carente e, como tantos meninos e meninas da idade dele naquele bairro, foi uma criança raiz, pé no chão, correndo atrás de pipa, jogando bola sem camisa e que não ia à escola.

Mas nesse dia... tudo era diferente! Vestia uma camisa florida porque a festa era tropical, tema bem propício para o Rio de Janeiro em dezembro, dia de sol e céu muito azul. Olhando Rafael assim, sorrindo escancaradamente, ninguém diz a fome que passou, o abandono que sofreu, a falta que sentiu de tudo. Criado sem o pai, lutou ele mesmo para cuidar de si e do irmão Miguel, ainda bebê. Sua mãe biológica não conseguiu fazer isso por eles.

Certa vez, depois de vender todas as balas da caixa que usava para levar os doces para o sinal, Rafael pegou o suado dinheirinho e comprou um pacote de biscoito. Doce sonho de criança sem esperança: um pacote de biscoito. Que se dane se apanhasse depois! E era certo que sua mãe não deixaria passar essa

rebeldia... Comeu com prazer todos os biscoitos do pacote e sentiu que valera a pena.

Rafael tinha nove anos quando foi separado do irmão, Miguel, que, à época, era só um bebê com um ano de vida. Isso aconteceu porque a vizinha deles denunciou a situação de abandono em que se encontravam e o Conselho Tutelar os levaram para um abrigo. Chovia muito nesse dia! Incertezas e temores encheram o coração do menino. Rodaram por um bom tempo de carro, noite à dentro, de abrigo em abrigo, até achar um com vaga para recebê-los. Rafael sentiu medo por seu irmão que ficaria sozinho em outro abrigo, mas o futuro a Deus pertence. Não se preocupou com o próprio destino, sua meta, a partir daquele dia estava fixada: crescer e encontrar o Miguel.

Em meio a tanta dificuldade e tristeza, não viu o pior; viu a oportunidade de estudar. Pela primeira vez na vida dele, Rafael frequentava a escola regularmente e sem precisar se preocupar se o irmão iria comer ou se a mãe iria sumir no mundo. Era ele, os cadernos, os professores e aquele ambiente de aprendizado... e os muitos amigos que fez, é claro! Das crianças aos professores, todos, sem exceção, caiam de amores por Rafael. Ah! O sorriso... não é um simples mostrar de dentes, não! Rafael sorri com os olhos, negros, que brilham tanto que te faz querer sorrir de volta.

Estava feliz! Era o mais alto e o mais velho na turma e, não se sabe ao certo se por isso ou se era sua simpatia nata mesmo, mas fez amigos aos montes que o seguiam pelos corredores do colégio. Num dia de aula comum, recebeu a notícia de que seria adotado. Um jovem casal viu em Rafael a oportunidade de completarem a pequena família. A esta altura, a mãe biológica de Rafael já havia falecido e não houve ninguém que reclamasse os direitos sobre o menino que estava no abrigo havia nove meses.

Adoção tardia é difícil, a maioria dos adotantes querem recém-nascidos ou crianças bem novas, por isso a guarda temporária não demorou a sair e Rafael pôde enfim deixar o

abrigo. Mas a felicidade da nova família durou um ano e dez meses, rápido como tardes de domingo. Uns vão dizer que foi azar, outros vão dizer que é uma história triste, mas eu vou dizer que Deus escreve certo, mesmo que as linhas sejam tortas e intrincadas aos nossos olhos. E digo mais! Deus é capaz de ordenar as linhas antes de escrever!

O jovem casal decidiu pela separação e nenhum dos dois estavam preparados para assumir e criar um adolescente que, à época, estava com doze anos de idade. Decidiram, então, devolvê-lo ao abrigo. Mais uma vez Rafael estava fora da escola e, mais uma vez, viu seu doce e inocente sonho de ler as placas nas ruas escapar. A esta altura, o irmão Miguel havia sido adotado. Desde a separação, Rafael e Miguel haviam se encontrado apenas três vezes. Embora as coisas não estivessem muito boas para ele, Rafael sabia que seu irmão estava bem e isso bastava para acalmar seu coração. A nova família do Miguel queria mantê-los em contato, afinal eram irmãos. *"Uma boa notícia, enfim!"* — pensou Rafael.

E sabe aquelas surpresas com as quais nos encantamos nos filmes? Pois é, elas também acontecem na vida. Não é sempre, não! Mas, às vezes, o inesperado bate à porta. Quando os novos pais do Miguel souberam que Rafael seria devolvido — palavra horrível, mas é a triste realidade — não pensaram duas vezes! Adotariam Rafael! Eu não disse que Deus escreve certo? Rafael, enfim, tinha seu lugar, sua família e, melhor ainda, se juntaria a Miguel, seu amado irmão, do jeito que deveria ser.

Seus novos pais o ajudaram a superar os atrasos no desenvolvimento escolar e lutaram com ele para superar as dificuldades. A matéria que ele mais gostava era espanhol e tenho a impressão de que essa preferência existia porque seu ídolo no futebol era o argentino Lionel Messi, mas isso é só um palpite desta autora.

Ano letivo após ano letivo, Rafael venceu! Superou a dificuldade da escrita, ampliou a capacidade de se expressar, passou a ler com facilidade e sua nova mãe não perdia tempo, sempre tinha livros para lhe empurrar. *"Quem lê muito, fala e escreve melhor",* ela dizia. Tinha pais, tinha seu irmão, tinha uma família grande com avós, tios e primos e, agora, conquistava o primeiro ciclo do ensino fundamental. Sabia que iria longe, agora Rafael tinha um horizonte muito maior à sua frente para aventurar-se e tinha a certeza de que levava no coração: o futuro a Deus pertence!

A. NOGUEIRA SILVA

Nasceu em 22 de outubro de 1972, em Pacatuba-Ceará. Porém, desde os anos 80 mora com a família no município de Palhano. Formou-se em Letras pela UECE-FAFIDAM (2005), com sede em Limoeiro do Norte; é Pós-Graduado em Metodologia de Ensino para Educação Básica (IEDUCARE/2010). Exerce o Magistério, lecionando para escolas de ensino fundamental e médio. Iniciou sua vocação literária escrevendo poemas a partir de 1994, tendo como público leitor, seus próprios amigos. Publicou através da editora Saramago o livro de poemas "Baú de Sonhos" (2019), realizando seu grande desejo: ver seus escritos publicados e transformar-se, através da Literatura, em um incentivador do hábito da leitura.

TENTAÇÃO 114
SUPER-HOMEM (poesia) 118
A INSÓLITA PIRÂMIDE DE SARDINHAS 120

TENTAÇÃO

"Então, a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que [comerdes do fruto da árvore que está no meio do jardim], se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal". (Gêneses 3, 4-5)

O senhor J era um homem gordíssimo. Seu aspecto grotesco se destacava tão exageradamente quanto a sua própria avareza que, igualmente a sua gordura, ia aumentando assustadoramente.

Naquele exato momento, ele estava de costas para o balcão de sua mercearia. Aquela figura gigantesca e quase monstruosa representava para o menino a própria transfiguração da Injustiça, principalmente, quando se lembrava de seu pai e seus irmãos, que eram pobres meeiros e estavam no roçado trabalhando de sol a sol- brocando matas e plantando roças — para logo depois, na colheita, repartirem o lucro com o senhor J, o poderoso senhorio de todas aquelas terras.

Enquanto esses pensamentos atordoavam a mente do menino, a Tentação, como a Serpente do Éden, soprou-lhe Desejos-Proibidos nos ouvidos inocentes, fazendo-o desejar algo que ele não poderia comprar, pois nos gastos contabilizados da família, evitava-se dívidas supérfluas: comprava-se somente aquilo que era essencial para a subsistência e que, ao final do mês, seu pai pudesse pagar e ainda ficar com algum saldo financeiro.

Semelhante aos primeiros habitantes do Paraíso, que foram tentados e caíram na sedução da Serpente, o menino também deu forma concreta à ideia surgida em sua mente inocentemente infantil. Antes que o senhor J se virasse, ele — com as mãos ainda trêmulas de medo e ansiedade — estendeu o bracinho e pegou o Fruto-Proibido. Em fração de segundos, enquanto aquele homem se virava para encará-lo com seu rosto rechonchudo, ele escondeu

dentro da farinha, na bolsa de palha que tinha nas mãos, o objeto de seu Desejo.

Parecia que ele tinha, instantaneamente, sido abduzido daquele local. Ele flutuou, como se estivesse sonhando acordado. E seu inconsciente o acusou daquele ato condenável: *"E se o senhor J, por milésimos de segundos, tivesse me flagrado"*? Pensou em seus pais e na decepção deles ao saberem do ocorrido! Vislumbrou os boatos e mexericos dos vizinhos, apontando-o como um mau exemplo!

Acordou de seus devaneios com a voz grave do senhor J, perguntando-lhe, aos berros:

— Cadê a caderneta, menino?

Ainda perturbado, quase automaticamente, ele pegou a caderneta amarelada do bolso, entregando-a, ainda trêmulo, nas mãos daquele homem, que mais parecia a figura de um rei-momo destronado.

Passou-se poucos segundos. Porém, para o menino, era como se o tempo estivesse paralisado. Ele ouvia as batidas aceleradas de seu coração. E a cada minuto que ele permanecia ali, pressentia como se tudo ao redor o acusasse de seu delito!

Finalmente, aquele homem terminou suas anotações e ao devolver a caderneta, precisou, mais uma vez, vociferar, quase aos gritos, para que o menino voltasse à realidade e pegasse o caderninho de volta, ainda suando de ansiedade. Agora sim, ele poderia fugir daquele lugar, escapar daquela pressão que sobre ele caía, como se fosse a própria Justiça declarando seu veredicto: Culpado!

Com muita dificuldade conseguiu dar os primeiros passos e sair da bodega. Seus pés estavam pesados como se estivessem enraizados no chão. Não ousava olhar para trás, tinha medo de que o relato bíblico da destruição de Sodoma e Gomorra se repetisse e ele, igualmente a mulher de Ló, ao virar-se e encarar o

próprio Crime, convocasse a ira Divina sobre seu Pecado, transformando-se numa estátua de sal.

Respirou profundamente, como se tivesse saído de um sombrio porão. Mas, ao enterrar sua mãozinha na farinha e tocar novamente no Fruto-Proibido, um arrepio gélido perpassou todo o seu corpo, enroscando-se, como uma serpente-demônio esguia, no mais recôndito de sua alma. No entanto, a luz do sol, com sua vivacidade, deletou todas as sombras que fervilhavam em sua consciência. "Finalmente, estou livre" pensou ele, sorrindo timidamente para o horizonte iluminado e sem fim, que se erguia a sua frente.

Ao longe, como num pesadelo, ouviu vozes gritando seu nome. Mas não ousaria olhar para trás... e não olhou... e não viu aquilo que as pessoas na bodega queriam lhe mostrar: o Perigo que corria furiosamente em sua direção!

Os gritos perderam-se no vácuo, enquanto ele era arremessado ao ar, como se fosse um fantoche de pano. Sentiu uma dor lancinante em suas costelas e abdômen: *"Será que eu estou virando mesmo uma estátua de sal?! Será que estou sendo castigado por ter violado o sétimo mandamento da Lei de Deus?!"*

As compras flutuaram no ar: a bolsa de palha, a farinha, as bolachas, o açúcar; tudo, como num redemoinho, espalhando-se sobre a areia branca que agora tingia-se de vermelho-sangue, o sangue inocente do pobre menino, morto pela fúria indomável de um touro bravo, que vinha sendo perseguido pelos vaqueiros daquela região há semanas e que, infelizmente, em sua louca fuga, havia cruzado com aquela figura magérrima e imprudente, que por estar em seu caminho, tornara-se um obstáculo a ser vencido, através de sua força e de seu furor.

No velório, além da dor da família, uma interrogação importunava a todos: *"Por que o menino não olhara para trás? Por que não soltara a bolsa das compras e correra para salvar a própria vida?"*

E sua mãe também tinha um questionamento ainda mais intrigante que a incomodava profundamente: *"Por que o menino morrera com as mãos fechadas, segurando algo que não estava na lista das compras? Teria sido um agrado do senhor J?"* Porém, ela duvidava em seu coração transpassado pela espada da dor, que aquele senhor, tão mesquinho quanto a própria Morte, tivesse dado ao seu filho aquelas duas barrinhas de doce, que ele segurara tão forte nas suas mãos, que quase tiveram de quebrar seus dedinhos, para descobrirem o que ele segurava!

E duas lágrimas, uma de Dúvida e outra de Desespero, rolaram sobre o rosto fatigado da pobre mãe, apreensiva em saber a Verdade.

– SUPER-HOMEM –

Uma representação vividamente plástica
De um Herói em sua plenitude azul
Um grande Desejo azul!
(Um Herói, uma Vontade!
Um Homem, uma Transmutação...)

Em cada músculo em riste
Em cada contorno voluptuoso
Daquele corpo plástico
Uma descoberta do Desejo!

Super-Homem!
Uma simples imagem dissimulada
Da caricatura dos Desejos
O homem desejando a própria Carne
Querendo envolver-se nesse voo
Desejando ser seu próprio Herói...

O Desejo uivando uníssono!
Se enrijecendo nos músculos másculos
Metamorfoseando-se em si mesmo
Querendo alçar seu próprio voo
Se libertar das Amarras que o aprisionam
Ao próprio ato do Querer...

Uma pequena representação do herói
Uma grande vontade de libertar-se
Cortar as amarras do Desejo
Se enroscar, se deleitar, se transformar
Se deixar vencer pelo próprio Desejo!
O Homem-Desejo lutando
Contra o próprio lobo do homem
Tentando conquistar o voo da Liberdade
Desprender-se do próprio Corpo...

E finalmente voar
Ao infinito do Super-Homem azul
Do Sonho rosa
Da Masculinidade azul
Do Heroísmo azul
Do Desejo rosa
Da Vontade rosa-azul-rosa

Do herói sem cor
(Do Desejo de todas as cores!!!)
Da infinidade de Desejos
Metamorfosear-se noutro Ser
Romanticamente barroco:
Abstrato-Concreto
Uma idealizada fusão
Entre Anjo e Demônio
Entre Corpo e Espírito...

Super-Homem
Homem de areia
Coloridamente incolor
Meu Super-Homem!
Meu azul sem Esperança
Do homem se tornar Rosa!

Da rosa se tornar Homem!
Homem-Desejo
Desejo-Hermafrodita
Homem-Sexo
Sexo azul... Sexo rosa...
Sexo multicor...
Super-Homem rosa...

A INSÓLITA PIRÂMIDE DE SARDINHAS[4]

A Seca, como um monstro aterrador, castigava àquele meu pequeno mundo, um microcosmo formado por comunidades rurais, fazendo com que seus habitantes se sentissem como se fossem meros personagens de uma das narrativas agrestes da saudosa Rachel de Queiroz.

Estávamos há meses sofrendo as consequências da estiagem. Minha família, como as demais que viviam naquele sertão cearense, era vítima daquela terrível Seca. Nós, os meninos, que vivíamos a correr pelos tabuleiros afora, éramos testemunhas oculares dos redemoinhos de poeira e folhas secas, que rodopiavam no ar, golpeando a vista de quem ousasse enfrentar a claridade abrasiva do Sol, que semelhava um dragão de fogo, cuspindo suas labaredas radioativas em direção aquela terra seca e sofrida.

Naquela paisagem cinzenta, a caatinga parecia uma procissão de pedintes errantes, com seus galhinhos-braços, finos e raquíticos, erguidos ao céu, como se implorassem a Mãe-Natureza que mandasse a chuva bendita, essa benção em forma líquida que, molhando esse seco sertão, modificaria quase que instantaneamente aquela paisagem sem cor e deixando no ar a fragrância suave das flores silvestres, contrastando-se com o pútrido odor que exalava dos cadáveres de animais mortos, à beira das estradas.

O Verde aparecia apenas salpicado aqui e ali, como miragens da Esperança. Essa imagem era vislumbrada através dos pouquíssimos pés de xiquexiques que ainda não tinham sido cortados, pois essas plantas espinhosas, símbolo da resistência à

[4] In memoriam de meu pai, Damião Simplício, fortaleza nas "secas" de nossas Vidas!

Seca, eram transformadas em ração para as poucas cabeças de gado, que mesmo magricelas, ainda teimavam em sobreviver, resistindo à Morte iminente.

No solo rachado do açude seco, se via os sulcos profundos que pareciam artérias abertas, sem um pingo da água-sangue. Era nessas pequenas poças de lama que a criançada se divertia, ao presenciar — com ansiedade e medo — a luta dos homens pescando à mão os lisos muçuns; logo à noitinha, toda à família iria saborear com prazer aquela fina iguaria gastronômica, sentados sob uma esteira de palha, iluminados à luz das lamparinas.

Trabalho só existia mesmo o "Serviço Emergencial", no qual o governo contratava os homens para reforçarem as paredes dos açudes secos, recebendo por esse ofício um mísero ordenado e cestas básicas. Meu pai, que também trabalhava nessa função, saía de casa cedo e chegava à tardinha, exausto e com um olhar perdido no céu. Semelhante a um profeta do tempo, ele tentava ler os sinais celestiais, analisando a "barra do céu" e vislumbrando, a cada amanhecer, a esperança das chuvas e do bom tempo. Como todo fiel cearense, ele estava confiante no padroeiro São José, pedindo ao santo, em suas fervorosas orações, que as chuvas chegassem, afastando o temível Fantasma-da-Seca.

Enquanto esse milagre não acontecia, íamos vivendo como podíamos, sobrevivendo, principalmente, com o arroz e as sardinhas das cestas básicas. E a cada dia, ao lado de nossa casinha de taipa, eu observava admirado e com prazer infantil, aquela insólita pirâmide de latas de sardinhas, que ia aumentando continuamente, como se fosse o registro vivo daquele triste episódio da seca.

Para mim, ser-criança despreocupado com o Amanhã, fantasia e realidade se misturavam desordenadamente numa quase-consciência pueril. A imagem da Seca, transfigurava-se num dicotômico Sofrimento-Prazeroso, pois eu não vislumbrava àquele fenômeno (constituído de elementos Naturais e politicamente

Sociais), com a mesma conotação nociva que era pintada pelos adultos que viviam ao meu redor. Em meu mundo infantil, eu brincava, tranquilamente, com carrinhos feitos com as latas de sardinhas, carregando carradas e mais carradas de areia para depositar nas paredes de meu açude de brincadeira, transformando-me em mais um "sofrido trabalhador" das frentes emergenciais, em meu fictício país do "Faz-de-Conta".

DUDA MATTOS

Duda Mattos nasceu no Rio de Janeiro em 1993. Quando era criança, criava histórias ao brincar de teatro com seus bonecos, expandindo suas ideias para o mundo dos desenhos e da escrita. Em 2015, lançou de forma independente seu primeiro livro, "Devaneios de Pesadelo", e desde então vem criando enredos, poemas e personagens inspirados em sonhos, pesadelos, pessoas que conheceu e ocorridos da vida, sem falar em seu gato de estimação e fiel assistente, Tigrão.

VOCÊ NUNCA TERÁ UM NAMORADO..... 124
O PECADO IRREPARÁVEL, A FELICIDADE INALCANÇÁVEL E A MORTE INEVITÁVEL (poesia) 134

VOCÊ NUNCA TERÁ UM NAMORADO

Essa era uma das inúmeras frases deprimentes que Édina sempre ouvia da boca de outras pessoas.

Quando era pequenina, assim como qualquer criança, adorava degustar porcarias e furtar saborosíssimas sobremesas antes da hora do jantar. Seu irmão mais velho fizera o mesmo quando mais novo, mas a diferença entre o rapaz de vinte anos para a moça de quinze era notória aos olhos de qualquer um. Enquanto o metabolismo dele lhe permitiu crescer e ter força nos músculos, o dela a castigou com piadinhas sobre sua estatura abaixo do normal e peso acima da média para uma jovem da sua idade. Ela tinha 1,51 de altura e 63,5 quilos. Nada tão alarmante, mas o suficiente para torná-la uma representação do que as outras jovenzinhas da sua idade queriam evitar para seguir o padrão de beleza feminino imposto pela sociedade.

Édina lidou com o preconceito em casa, no bairro onde morava e nas escolas que frequentou. Seu apelido era "Bolinha", um tanto genérico, mas eficiente em afetar sua autoestima a ponto de usar tamancos e saltos desconfortáveis que machucavam seus pés e fazer uma única refeição medíocre por dia para passar fome depois. Ela tinha cogitado dar caminhadas para se exercitar na rua, também, mas mal podiam vê-la que o inferno começava. "Olha, é a Bolinha"! O pior era ver seu irmão com mil e uma namoradas dentro de casa, mês por mês, uma mais linda que a outra, recebendo flertes aqui e acolá que enalteciam sua beleza física. Enquanto isso, o rapaz zombava da irmã e mesmo a mãe lhe dava razão ao também criticar sua filha. Viver em um corpo indesejável e ser obrigada a vê-lo todos os dias na frente do espelho era a vida de Édina.

Em julho de 1991, nas suas férias escolares, ela e sua mãe viajaram a fim de deixar todos os problemas e estresses de lado — Édina pelo bullying e sua mãe pelas despesas que seu falecido marido boêmio deixou para ela como herança. Foram três horas exaustivas de viagem pela estrada até Ioroque, uma cidadezinha pacata no interior do Rio de Janeiro, onde morava o avô da moça. Ao receber filha e neta em sua humilde morada, encheu-se de alegria. "Eu já te segurei em meus braços quando ainda era desse tamaninho", disse, nostálgico, embora a mãe de Édina tenha estragado o momento com uma piada sobre o atual "tamanho" da garota. Mesmo isso não impediu o homem idoso de tentar fazer sua neta sorrir para a vida. Queria mimá-la como se ainda fosse uma criança.

No dia seguinte à viagem, o sujeito se prestou a acompanhar neta e filha pela cidade. Era uma região relativamente pobre, mas muito rica na questão cultural. A cada ano, em novembro, comemorava-se o dia de Santa Cecília, padroeira de Ioroque, com uma festa na pracinha central onde se encontrava a igreja. Édina não era tão religiosa como a maioria das pessoas daquele lugar, mas se encantou com a arquitetura do templo católico. Conheceu o padre que, além de lhe dar as boas-vindas e convidá-la para a missa de domingo, abençoou-a com ternura. "Todos nós precisamos da graça de Deus em nossas vidas", disse com um sorriso sereno e carismático. Era um bom homem e velho conhecido do avô da moça.

Dali da igreja, o idoso ainda levou filha e neta para apresentá-las aos outros lugares da cidade. Acompanhou-as até o centro comercial; até o parquinho onde as crianças ficavam brincando enquanto seus pais se ausentavam; até a casa de vizinhos e amigos, e assim por diante. Não se sabe se por influência de seu avô para com seus conhecidos, mas Édina sentiu-se imensamente acolhida por toda aquela gente humilde, uma sensação que ela já não tinha há muito tempo em sua cidade natal

desde que deixou de ser uma criança para entrar na pré-adolescência. Ali, ninguém a julgava e tampouco lhe davam apelidos pela sua aparência fora do padrão. Sua mãe ainda fazia algum comentário descontraído aqui e acolá, mas era ignorada. "Que gente chata", resmungava quando ninguém estava olhando.

Esta foi uma das ocasiões quando Édina foi apresentada à uma conhecida de seu avô que trabalhava em um brechó. A moça gostou tanto de um vestido lilás com uma fita amarela amarrada à cintura que quis experimentar na cabine ao fundo. Era lindo, simples e bem baratinho, mas não servia em seu corpo. Além de pequeno na espessura, era grande na altura, a típica roupa que só cairia bem em alguma mulher mais magra e mais alta que ela. Nem ajustando o laço na cintura deu certo, pois a parte de cima apertava seu busto e a machucava. Sua mãe, por curiosidade, experimentou e coube certinho nela, mas achou o modelo e as cores tão horríveis que preferiu não levar. Para não deixar sua neta desanimada, o velho homem sugeriu que desse mais uma olhada em outros vestuários disponíveis, mas Édina não sentiu o mesmo interesse. Saíram do brechó e prosseguiram com o passeio pela cidade.

Logo na segunda noite que a garota passou naquela casa, enquanto sua mãe dormia em outro quarto do segundo andar à base de alguns remédios, seu avô pôs um banquinho ao lado da cama da moça e perguntou que tipo de história ela gostaria de ouvir. Em suas mãos enrugadas, vários contos de fadas e fábulas ilustradas, alguns dos vários livros que colecionara ao longo da vida. "Eu já sou velha demais para essas coisas", disse Édina sem querer parecer grossa. O homem se pôs a pensar em uma boa história envolvente que entretece uma adolescente daquela idade. Sugeriu alguns romances para jovens, mas sua neta não se interessava por essas coisas, ao contrário das outras meninas. Seu avô, então, optou por lhe contar a história de uma lenda que fazia parte do folclore da pequenina e pacata Ioroque.

— Dizem que, há muito tempo, quando minha mãezinha ainda brincava de boneca, havia um lindo casal de jovens apaixonados. Eles amavam tanto um ao outro, mas tanto, que andavam juntos para onde quer que fossem e se davam muito bem. A moça era a prima mais velha da minha mãe e o rapaz era filho de um amigo próximo da família. No começo, todos foram contra, mas o amor verdadeiro supera todas as barreiras e este foi o destino daqueles dois pombinhos.

Antes que Édina pudesse se entediar por achar que aquela era só mais uma história clichê de romance antigo, seu avô continuou ao mudar seu sereno tom de voz para algo mais firme e sério, adquirindo compostura.

— O tempo passou e estava tudo pronto para o casamento mais lindo de Ioroque, mas um evento terrível acometeu os dois. O casal, que nunca se separava por nada, teve de o fazer desta vez quando sofreram um acidente de carro. A batida foi tão violenta que o carro girou e girou até parar de ponta-cabeça. A moça saiu ferida, mas viva. Quanto ao seu amor, além de ter seu rosto e corpo desfigurados no ocorrido, veio a óbito no mesmo instante. Ele era tão querido na cidade e se foi de uma forma tão trágica que Ioroque ficou de luto por quase um ano em sua homenagem. A noiva sobrevivente muito se lamentou e até se culpou pelo incidente. Todas as manhãs, ela visitava seu túmulo com uma linda rosa vermelha, a flor que ele mais presenteava para ela. Com o passar do tempo, porém, ela teve que seguir com sua vida como qualquer um de nós. Passado um ano de luto, ela conheceu um outro rapaz, amigo do falecido, e ambos se apaixonaram um pelo outro. A felicidade e o amor foram restaurados.

Édina se solidarizou pela morte do rapaz na história, mas também ficou feliz pela moça por ter superado tamanha tristeza e

ter se dado o direito de ser feliz mais uma vez. Sentia-se emocionada, mas, para a sua surpresa, a história não havia acabado por ali. Seu avô prosseguiu com o conto.

— O que parecia ser apenas um namoro tomou proporções maiores. Eles realmente se amavam, tal qual a moça, um dia, realmente amou seu falecido noivo. Os dois se amavam tanto que foram mortos por ELE. Um dia, na casa do sujeito, tanto ele quanto sua querida foram encontrados mortos deitados sobre a cama, mas a imagem estava longe de ser tão romantizada quanto a morte de Romeu e Julieta. Os dois corpos estavam desfigurados e terrivelmente mutilados enquanto colchas e lençóis se banhavam em sangue que escorria e pingava sobre o chão do quarto. Foi uma notícia chocante para todos daqui naquela época. Até mesmo a polícia ficou intrigada durante as investigações. Ao descrever o estado dos corpos para alguns jornais, disseram que aquele crime bárbaro parecia ter sido cometido pelo próprio Diabo. Apreenderam muitos suspeitos, mas nenhum deles aparentava ter motivos para cometer tamanha atrocidade e, além disso, seus álibis foram comprovados.

A moça ficou sem palavras. Não esperava que uma história tão bela e de superação pudesse ter um final tão trágico e sanguinolento, mas se enganou ao pensar que tamanho horror tinha acabado por ali. Seu avô, embora um tanto incomodado por lhe contar estas partes da história, ainda prosseguiu.

— A partir deste ocorrido, uma série de eventos semelhantes têm acontecido por aqui. A cada ano, uma jovem e bela moça desaparece até ser encontrada morta nas mesmas condições que já mencionei e, como sempre, nunca encontram o responsável por isso. Desde aquele tempo, criou-se o boato de que quem está por trás de todos esses crimes é o espectro do rapaz que

morreu no acidente de carro. Vendo-se deixado para trás por sua amada, seu espírito decidiu assassinar a ela e seu novo pretendente como vingança, e assim tem feito deste então para nunca mais ser traído outra vez por nenhuma mulher. Ano após ano, ele escolhe uma moça bonita para se apaixonar e a presenteia na porta de casa ou janela do quarto com algo que ela muito deseja para si, acompanhado de uma rosa vermelha e um bilhete que diz: — Aceita se casar comigo? — Se a mocinha disser "não", terá o mesmo destino que todas tiveram até agora. Se disser "sim", terá o privilégio de viver, mas será assombrada pelo noivo fantasma até se render à insanidade ou, ainda, ao suicídio. Numa tentativa de parar essa loucura, muitas exigiram separação e isso culminou numa morte tão horrível quanto as que recusavam seu pedido no bilhete.

— E se não disser nada? —, perguntou a astuta e medrosa Édina, a qual seu avô logo respondeu com pesar por não ter a resposta otimista que sua neta gostaria de ouvir. — Se assim o fizer, o fantasma entenderá como um "não" e te matará da mesma forma. Já houve casos, porém, em que algumas moças apenas aceitaram a oferta para receber o presente que tanto queriam. Elas pensaram que estavam enganando o espírito, mas era ele quem estava enganando-as. Por mais que se protegessem dentro de casa e evitassem ficar sozinhas em qualquer lugar, o macabro fantasma vinha de algum jeito e as matava, fosse dentro de seus lares ou na rua, por mentirem para ele. Ainda que a família e amigos ouvissem os gritos de madrugada e prontamente corressem ao seu socorro, sempre chegavam tarde demais. Dormir com os pais pode soar vergonhoso para algumas moças da sua idade, mas nem mesmo isso as salvam de seu destino cruel. O monstro de Ioroque vem para todos e torna sua vítima quem também tenta proteger seu alvo a todo custo.

Um silêncio mórbido pairou sobre avô e neta na escuridão

daquele quarto, iluminado apenas por um pequeno abajur cuja funcionalidade se desgastara com o passar do tempo — tanto que piscava às vezes. Presenciando o receio expresso no semblante de Édina sobre se a história era mesmo verídica ou inventada, o idoso riu debochadamente e assegurou-lhe de que era tudo fantasioso demais para ser levado tão a sério. O máximo que ele pediu à menina foi juízo para levar os desaparecimentos e assassinatos à sério visto que, até então, ninguém foi responsável pelos crimes e o lunático poderia ser qualquer pessoa da pacata Ioroque com seus mil e poucos habitantes. Após o sagrado beijo de boa noite sobre a testa, o anfitrião do lar se retirou. "Bons sonhos, anjinho".

Era uma da manhã e Édina não conseguia dormir de forma alguma. Como ela poderia fazê-lo visto a imensidão de coisas que sua cabeça criava de última hora? A moça se interessava por lendas, contos folclóricos e afins, mas a história contada por seu avô mexeu com sua imaginação de adolescente fértil. Pensou sobre sua possível veracidade; sobre as atrocidades que ocorriam por um amor doentio após a morte; sobre o trágico passado do fantasma e muitas outras coisas. Sentia-se desconfortável e até um pouco paranoica com a possibilidade da lenda ser real, mas sua experiência de vida a trouxe de volta para a realidade maçante com um mínimo de alívio. "Eu jamais serei sua vítima", pensou consigo mesma, "pois não sou nem um pouco bonita e ele não se interessaria em alguém como eu". Pôs-se a dormir conformada com sua aparência nada cobiçável, fosse para um fantasma ou para um assassino demente com sede de sangue.

A madrugada trouxe consigo um temporal que transformaria todo o chão de Ioroque em lama no raiar do dia seguinte. Já eram três e meia da manhã quando Édina acordou ouvindo barulhos estranhos. Parecia que alguém — ou alguma coisa — estava batendo suavemente contra a porta, como se estivesse pedindo permissão para entrar. Poderia ser a mãe ou o avô da garota, mas ela se encontrava tão assustada que só pensava

no fantasmagórico monstro que assombrava as mocinhas da cidade. Permaneceu deitada e em silêncio igual uma criança medrosa. Por ter despertado de seu sono tão repentinamente, sua audição ainda demorou alguns segundos para reconhecer que o som não vinha da porta do quarto coisíssima nenhuma. Vinha da janela.

Fazia-se três leves batidas, ritmicamente, contra o vidro cujas gotas da chuva respingavam e escorriam. O breu do lado de fora era abissal, mas foi possível vê-las graças à alguns clarões de relâmpagos que cortavam o céu. Édina devia ter visto alguém ou, no mínimo, um punho fechado batendo contra o vidro, mas não tinha nada do outro lado — e os sons persistiram mesmo assim. O máximo que avistou foi uma silhueta meio reta com algo a mais que ela não soube bem distinguir graças ao balançar da ventania do lado de fora. A "sombra" só ficou ali, imóvel, em frente à janela da jovem. Os sons já tinham parado.

Apreensiva, a donzela acendeu seu abajur e se levantou de sua cama para caminhar calmamente até sua janela. Cada passo silencioso acrescentava mais aflição em seu peito cujo coração batia tão rápido e tão forte que poderia ser ouvido por qualquer um que estivesse naquele quarto com ela. Devagar, ela levantou a janela e teve uma surpresa desagradável. Sobre o parapeito, uma linda e bem enfeitada caixa de presente para ela. "Ele escolhe uma moça bonita para se apaixonar e a presenteia na porta de casa ou janela do quarto", lembrou-se a jovem das palavras de seu avô e logo se arrepiou de medo. Não havia ninguém no meio da chuva, nem mesmo uma escada, corda ou outra coisa que pudesse servir para alguém subir até ali. Incomodada demais para pensar racionalmente, ela apenas ignorou o presente, fechou a janela e voltou a se deitar em sua cama para dormir. "É um pesadelo bobo", pensou consigo mesma ao se encolher debaixo da coberta.

Não há no mundo frase mais verdadeira do que "a curiosidade matou o gato". Embora bastante assustada, a

curiosidade de Édina falou mais alto que qualquer outra coisa e, com isso, ela logo se levantou novamente da cama e foi até a janela abri-la para apanhar a caixa de presente. Estava úmida e toda molhada graças ao temporal, mas era linda mesmo assim. Respirando fundo para o possível pacto que estava prestes a assinar com sua alma, ela desfez o laço da caixa e a abriu. Um brilho se acendeu em seus olhos de cobiça ao se deparar com o mesmo vestido que viu mais cedo no brechó da cidade. Para falar a verdade, o modelo era o mesmo, mas o vestido era outro. A cor lilás e o adorável detalhe da fita amarela que formava um laço nas costas eram idênticas, mas tamanha foi a surpresa e alegria de Édina ao retirar sua camisola para vesti-lo e perceber que, de alguma forma, servia perfeitamente nela, como uma luva, sem nem precisar ajustar o laço nem nada. A saia do vestido encostava nos tornozelos ao invés de se arrastar pelo chão como antes. A parte posterior não mais machucava seu busto e a sensação era bastante confortável, além de não se sentir pressionada em nada na cintura. A moça ficou tão feliz e satisfeita que correu para o espelho do armário de seu quarto e se contemplou. Estava linda! Sempre foi linda, mas finalmente pôde se admirar com um mínimo de amor-próprio. Ainda detestava seu corpo, mas adorava em como ele combinava com aquele adorável vestidinho simplório.

Após se exibir para si mesma diante do espelho, Édina finalmente se atentou em olhar o restante do conteúdo na caixa de presente que recebeu misteriosamente. Ali, além da roupa, também continha uma impecável rosa vermelha, sem espinhos, com seu botão bem desabrochado de belíssimas pétalas tão perfumadas como nunca a moça tinha visto antes em quaisquer roseiras ou floriculturas. Junto dela, havia um pequeno envelope de remetente desconhecido. Nada de selos, assinaturas ou qualquer outra coisa. Abriu o envelope com cuidado e puxou um cartão apaixonado dali de dentro com uma mensagem promissora em perfeitíssimas letras cursivas. “Aceita se casar comigo”?

A garota pensou e repensou sobre aquela proposta, sobre o vestido que ganhara de presente e sobre a história que seu avô lhe contara antes naquela mesma noite. Se recordou dos desaparecimentos misteriosos, das mortes terríveis e da possibilidade de ser a próxima vítima do tal espectro. "Deve ser só uma pegadinha do vovô para me assustar", pensou consigo mesma. Édina estava tão feliz com aquele vestido que preferiu encará-lo como presente surpresa de seu avô do que um objeto que selava um ritual sombrio. Além do mais, sua baixa autoestima ainda a impossibilitava de se achar tão bela assim a ponto de ser escolhida por um suposto fantasma assassino. "Há meninas muito mais bonitas do que eu por aqui", refletiu ao se lembrar das pessoas que conheceu em Ioroque. Com a consciência limpa, Édina ignorou aquele bilhete matrimonial e se voltou para o espelho do quarto para admirar seu momento de alegria que já não sentia há muito tempo.

Acontece que Édina interpretou a história contada por seu avô de forma errônea. O fantasma não se sente atraído por coisas torpes, superficiais ou por aparências. Ele não se importa com estas baboseiras materiais como nós, meros mortais influenciados, dia após dia, pela cultura do embelezamento artificial que se desencontra com a natureza das coisas como realmente são. Ele, então, como espírito, se apaixona pela beleza interior.

É uma pena que a pobre mocinha tenha usado aquele lindo vestido lilás só por uma noite...

– O PECADO IRREPARÁVEL, A FELICIDADE INALCANÇÁVEL E A MORTE INEVITÁVEL –

Todas as portas se fecham,
Menos a da alma, os olhos;
Tão penetrantes, observam,
E embriagam ainda sóbrios.

Há um cisco a incomodar
Que, aos olhos de vidente,
É o espectro a assombrar
Ilusões em minha mente.

Ele é um homem alto, belo,
É educado, gentil e cordial,
Que me seduz para um elo
Entre nós num trágico final.

"Tudo isso há de melhorar",
Diz o Diabo, ao que replico:
"Eu só busco a quem amar,
Mas que queres tu comigo"?

E o Mal se prevalece, sórdido:
"Não julgues o que não sabes,
Ou terás tu um sigiloso ódio?
De toda forma, tu que o fazes".

Dói o meu coração por amor
Assim como dói por tristeza.
Como devo eu parar essa dor
Que consome minha pureza?

"Tu és tonta por resistir",
Alega o Monstro, que diz:
"Já comigo tu hás de vir
Para o mundo que eu fiz.

Seremos como Adão e Eva
Em nosso Jardim das Delícias,
Vivendo na felicidade eterna
Em plena paz, amor e carícias".

Sem forças, eu tento lutar
Contra a minha escuridão
Que me faz crer em amar
Sem ouvir a voz da razão.

Seu beijo marca meu pescoço
Apertado na corda do suicídio.
Mas terá valido todo o esforço
Neste simplório ato de delírio?

No último fôlego meu de vida,
Vem o Íncubo para me dizer:
"Agora que estás de partida,
Eu posso brincar com você"...

JÚLIA LUZ

Sou a Débora, mas no mundo incrível da escrita adotei o pseudônimo de Júlia Luz, para ser uma livre sonhadora. Possuo um perfil no Instagram @s.o.svirtual no qual publico meus trabalhos. Participei da 7ª Turma do AME – A Metamorfose do Escritor.

MADELEINE 137

MADELEINE

As árvores resplandeciam com o brilho do sol naquele início de outono. O amarelado das páginas flutuava em meio ao emaranhado de cabelos negros de Madeleine, que recolhia os pés com linhas de sono próspero. Obrigou-se a retirar os imponentes livros da cadeira e nela se acomodar, espreguiçando-se enquanto ponderava sobre a apresentação que realizaria na pós de direito à noite.

— Made! Corre aqui! — a urgência do chamado de irmã temporã a despertou, fazendo-a se locomover com toda a agilidade que adquirirá. Madeleine encontrou a menina de ponta cabeça no sofá, com as pernas no encosto superior e os cabelos loiros esparramados, segurando o celular de maneira precária com olhos ávidos — Esse sapato é seu número!

— Eu não preciso de um sapato, muito menos um de salto alto — disse ralhando levemente a menor.

— Mas você tem uma apresentação importante! Ia ficar tão chique! — disse de forma meiga e infantil — Não é como você fosse desfilar por aí, é só para mostrar que você também pode usar algo bonito.

Madeleine permaneceu em silêncio como se estivesse ponderando. Todavia, estava recordando o dia em que precisou ser carregada, por dois lances algozes de escadas, até a inibida banca para apresentar seu trabalho final da graduação. Jocosamente escreverá sobre a carência de acessibilidade universitária.

Retornando ao presente, séria e cabisbaixa, frisou:

— É uma futilidade.

Á noite, no palco da faculdade, lá estava Madeleine de terno pronta para apresentar o trabalho. Os olhares abismados das não amigas eram o suficiente para ela vencer o nervosismo e se felicitar como os belos sapatos altos expostos em seus pés apoiados na sua resiliente cadeira de rodas negras.